

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

SABRINA DE SOUSA PRÔEZA

**A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CURRICULAR A
PARTIR DO ENSINO RELIGIOSO POR MEIO DA
ETNOMATEMÁTICA E DO PATRIMÔNIO ÉTICO E CULTURAL
BRASILEIRO**

VITÓRIA-ES
2014

SABRINA DE SOUSA PRÔEZA

**A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CURRICULAR A
PARTIR DO ENSINO RELIGIOSO POR MEIO DA
ETNOMATEMÁTICA E DO PATRIMÔNIO ÉTICO E CULTURAL
BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado para obtenção do
grau de Mestre em Ciências das Religiões.
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós Graduação
Linha de Pesquisa: Políticas Públicas.

Orientador: Dr. Ronaldo de Paula Cavalcante

**VITÓRIA-ES
2014**

Proêza, Sabrina de Sousa

A construção de uma identidade curricular a partir do Ensino Religioso por meio da etnomatemática e do patrimônio ético e cultural brasileiro/Sabrina de Sousa Proêza---Vitória: UNIDA/Faculdade Unida de Vitória, 2014.

xi, f. 91 ; 31 cm.

Orientador: Ronaldo de Paula Cavalcante

Dissertação (mestrado)-UNIDA/Faculdade Unida de Vitória, 2014.

Referências Bibliográficas: f. 88 -91

1.Ciência das Religião. 2. Identidade 3. Currículo
4. Ensino Religioso. 5. Patrimônio 6. Cultura 7.
Etnomatemática. 8. Música brasileira.- Tese. I-Sabrina de
Sousa Proêza.II. Faculdade Unida de Vitória, 2014. III. Título.

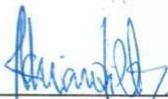
SABRINA DE SOUSA PROÊZA

**A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CURRICULAR A PARTIR DO ENSINO
RELIGIOSO POR MEIO DA ETNOMATEMÁTICA E DO PATRIMÔNIO ÉTICO E
CULTURAL BRASILEIRO**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em
Ciências das Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das Religiões da
Faculdade Unida de Vitória.



Doutor Ronaldo de Paula Cavalcante – UNIDA (presidente)



Doutor José Adriano Filho – UNIDA



Doutor Antonio Vidal Nunes – USP

Dedico este trabalho aos meus pais: Madalena e Ernanes pela paciência e perseverança em direcionar meus passos para vida, ao meu avô: Pastor Liberalino que sempre demonstrou com atos e palavras o verdadeiro sentido da vida, aos meus irmãos: Diego e Samira pela cumplicidade e a toda minha família e amigos que são e sempre serão minha fonte de inspiração.
Amo vocês!

Agradeço,

Á Deus,
o Ser Supremo responsável pelo direcionamento de tudo que acontece em
minha vida. A Ele sejam dadas todas as honras e glórias, hoje e eternamente,
pois é Dele que advêm todas as minhas inspirações e força.

A minha família,
que sempre me apoiou em minhas decisões e por serem idealizadores e
incentivadores de todas as dádivas que acontecem em minha vida, eis aqui
mais uma delas.

Ao Profº Drº Ronaldo de Paula Cavalcante,
pelo direcionamento no desenvolvimento deste trabalho, conhecimento e
paciência em cada momento de preparação.

Aos amigos,
agradeço por todas as palavras de conforto e incentivo que contribuíram de
forma direta para a realização deste sonho .

Enfim, a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que eu
conseguisse realizar mais um sonho.

A todos vocês, o meu muito obrigada!

O conhecimento religioso enquanto patrimônio da humanidade necessita estar à disposição na escola e promover no educando oportunidades de se tornarem capazes de entender os movimentos específicos das diversas culturas, cujo substantivo religioso colaborando aprofundamento para a autêntica cidadania (Edile F. Rodrigues).

RESUMO

A presente dissertação pretende introduzir o leitor as fragilidades existentes no Currículo do Ensino Religioso nas escolas de ensino regular e a necessidade de sua reformulação ao resgatar sua identidade a partir do contexto histórico, social e cultural do educando. Com isso, no âmbito religioso para participar da esfera pública é necessário conhecimento e consciência do senso comum, observamos a presença constante da religião na sociedade e a mesma deve ser analisada na escola pela sua pluralidade e suas consequências na “democracia participativa”. Entendemos que o currículo e sua função podem ser entendidos a partir de perspectivas pedagógicas em contra partida a pedagogia tradicional, onde os conteúdos são selecionados conforme a etapa de formação do aluno, sendo o professor um transmissor e o aluno um assimilador de conhecimento tendo como controle os procedimentos avaliativos o que demonstra uma cultura de dominação. A disciplina de Ensino Religioso nas escolas públicas é direcionada por um currículo que compreende as competências e habilidades que os alunos devem desenvolver após a análise de um apanhado de informações fruto de temas e conteúdos trabalhados, a partir de sua apreciação notamos a necessidade de relacionar-se com a cultura do educando, onde a etnomatemática e a música brasileira podem auxiliar nesse processo. Para desenvolvimento desta pesquisa foi utilizado como instrumento à pesquisa bibliográfica e exploratória, sendo dividida em três partes: na primeira observaremos a importância da educação no processo de preparar o indivíduo para vida em sociedade, tendo a religião o papel de auxiliar na racionalidade do indivíduo e conseqüentemente em sua relação com o mundo, a segunda demonstra o conceito e função do currículo priorizando a disciplina de Ensino Religioso e sua articulação entre a teoria e prática e a terceira apresenta o Currículo do Ensino Religioso nas escolas públicas relacionado a etnomatemática e a cultura brasileira através da música brasileira.

Palavras chaves: Identidade, Currículo, Ensino Religioso, Patrimônio, Cultura, etnomatemática, música brasileira.

ABSTRACT

This thesis aims to introduce the reader to the existing weaknesses in curriculum Religious Education in mainstream schools and the need to recast its identity by rescuing from the historical, social and cultural context of the learner. Thus, in the religious sphere to participate in the public sphere knowledge and awareness of common sense is required, observe the constant presence of religion in society and it must be examined by the school in its plurality and its consequences in "participatory democracy." We understand that the curriculum and its function can be understood from pedagogical perspectives matched against the traditional pedagogy where the contents are selected according to their stage of training of the student, and the teacher a student with a transmitter and assimilating knowledge having as control evaluation procedures which demonstrates a culture of domination. The discipline of religious education in public schools is guided by a curriculum that includes the competencies and skills that students should develop after examining a fruit picked information themes and contents worked from its assessment noted the need to relate with the culture of the student, where ethnomathematics and Brazilian music can assist in this process. To develop this research was used as a tool to bibliographic and exploratory, being divided into three parts: first we will observe the importance of education in preparing the individual for life in society, and religion's role to assist in the rationality of the individual case and consequently in its relation to the world, the second demonstrates the concept and function of the curriculum prioritizing the discipline of Religious Education and its articulation between theory and practice and the third presents the Curriculum Religious Education in public schools related to ethnomathematics and Brazilian culture through Brazilian music.

Keywords: Identity, Curriculum, Religious Education, Heritage, Culture, Ethnomathematics, Brazilian music.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E.R.	ENSINO RELIGIOSO
FONAPER	FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO
LDB	LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO
PCN's	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

LISTA DE QUADROS

Quadro1-Conteúdo básico comum – Ensino Religioso – 5ª á 8ª Série do Ensino Fundamental.....	51
Quadro 2- Sequências básicas da evolução sociocultural em termos de revolução tecnológica de processos civilizatórios e de formação sociocultural de processos civilizatórios.....	65
Quadro 3-Subdivisão do Brasil em Brasis e suas principais características apresentado por Darcy Ribeiro.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A RELIGIÃO E O ENSINO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO	16
1.1. Um pouco de Religião na Educação	16
1.1.1. A história da Religião na educação	16
1.1.2. A importância da Religião na educação	18
1.2. Um pouco do Ensino Religioso na sociedade e educação.....	20
1.2.1. O conceito de Ensino Religioso.....	21
1.2.2. A história do Ensino Religioso na educação	23
1.2.3. A função do Ensino Religioso para a sociedade	27
1.2.4. A função do Ensino religioso na educação.....	28
1.2.5. A educação religiosa segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação	31
2. O CONCEITO E FUNÇÃO DO CURRÍCULO ENFATIZANDO A DISCIPLINA DE ENSINO RELIGIOSO	35
2.1. O conceito de currículo educacional	36
2.2. O currículo como articulador entre teoria e prática.....	39
2.3. A função do currículo enfatizando a disciplina de Ensino Religioso.....	43
3. O CURRÍCULO DO ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DESTACANDO A ETNOMATEMÁTICA E A CULTURA BRASILEIRA	49
3.1. Análise do currículo do Ensino Religioso das escolas públicas	49
3.2. O currículo do Ensino Religioso e sua relação com a etnomatemática e cultura	56
3.3. Aspectos da relação entre cultura brasileira e religião	62
3.3.1. Religião, cultura e música brasileira como metodologia de ensino na disciplina de Ensino Religioso	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84

INTRODUÇÃO

O Ensino Religioso poderá contribuir para que o homem se forme dentro de uma dimensão integral. Sem este, o educando não pode realizar-se plenamente como pessoa, pois por sua natureza, ele precisa desenvolver todas as suas dimensões, sobretudo a religiosa, área esta que busca respostas profundas e fundamentais da sua existência. Com isso, se espera da escola, o lugar ideal para a formação do ser humano na sua totalidade, uma educação mais humanizada e personalizada.

Esta dissertação pretende discutir a partir de estudos bibliográficos que enfocam o currículo da educação religiosa nas escolas de ensino regular a seguinte indagação: Como deve ser elaborado o Currículo de Ensino Religioso a partir de uma identidade por meio da à etnomatemática e o Patrimônio Ético e Cultural Brasileiro?

Diante dessa problemática, partimos do pressuposto que a questão só poderá ser resolvida se alcançarmos um currículo que eduque para cidadania ajudando os educandos a pensar e, se posicionar frente às questões fundamentais da existência humana, além de encontrar respostas ou meios para uma solução a partir da reestruturação curricular de acordo com a realidade ético cultural do aluno buscando desenvolver a dimensão religiosa.

O aluno precisa conhecer outras culturas e religiões, ao mesmo tempo em que, desperta para o sentido transcendente da vida pessoal e comunitária, no cumprimento integral da vocação humana, onde a etnomatemática pode servir de ferramenta e a música popular brasileira tem o papel fundamental ao retratar os momentos históricos e conseqüentemente cultural de cada época.

O currículo deve ser modelado segundo o objetivo que se quer alcançar em cada ano de ensino, por isso devemos repensar as práticas curriculares para que o mesmo atenda as necessidades educacionais dos alunos, pois o mesmo principalmente no ensino religioso não pode ser apenas um instrumento metodológico para efetivar a aprendizagem precisa fazer sentido para o aluno ao propor o conhecimento relacionado com a sociedade e cultura da instituição escolar.

Além disso, pretendemos demonstrar a importância de mudanças no currículo de Ensino Religioso ao propor possibilidades alternativas de como deve ser recomendado pedagogicamente e metodologicamente o Ensino Religioso na educação pública ao relacionar o tema com a sociedade. A compreender a história da religião onde no Brasil colônia antes do estabelecimento da República a única instituição religiosa era a católica o que evitava o “conflito religioso”, depois deste período foi instituído o pluralismo religioso pela liberdade de expressão religiosa, já que as práticas mágicas e danças africanas deixaram de ser consideradas ameaça a igreja e passaram a ser reconhecidas como religiosidade, com isso para ser aceita como religião a crença deve ser fruto de um processo histórico relacionado a “fé” que o torna confiante no “sagrado”.

Nesse processo de pluralidade religiosa e com a Constituição Federal de 1988 os representantes das religiões obtiveram o direito de participar das decisões políticas o que podemos chamar de “democracia” que demonstra o secularismo, onde os representantes de entidades religiosas unem-se com os representantes políticos para decidir o melhor para a sociedade o que afetou o campo do ensino religioso que além do lado social passou a se preocupar com a saúde e educação, preparando missionários com formação escolar e técnica para atuar e opinar nas áreas de assistência pública e movimentos sociais se envolvendo em decisões políticas e criação de leis.

A luta pela liberdade religiosa no Brasil contou com auxílio da campanha contra o racismo e preconceito, já que a proposição de uma sociedade justa não se condiciona a cor, raça, o credo também passou a fazer parte dessa solicitação resultando no âmbito religioso, ou seja, para participar da esfera pública é necessário conhecimento e consciência do senso comum e ao longo da história brasileira, notamos que a religião está muito ligada aos indivíduos menos favorecidos, herança do catolicismo. Por outro lado existem tradições religiosas que ao manifestar suas crenças não são tão aceitas pela sociedade, ocasionado espanto e descrença.

Por isso, observamos a presença constante da religião na sociedade e a mesma deve ser analisada na escola pela sua pluralidade e suas

consequências na “democracia participativa” que desenvolvem a esfera pública. Lembrando que quanto mais seus “ritos, mitos e símbolos religiosos” são aceitos e respeitados pela sociedade maior seu poder de contribuir para secularização e nesse artifício encontramos a presença da etnomatemática na cultura como forma de organização ou nos rituais sagrados através de sua forma geométrica, tamanho e números.

A metodologia adotada para elaboração da pesquisa, será baseada na pesquisa quantitativa, enfocando os pontos mais emergentes do tema. Foram utilizados alguns métodos para melhor elaboração desse trabalho, tais como:

a) Pesquisa exploratória: pode ser definida pela pesquisa principal, como o estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer e como a finalidade desta pesquisa e aproximar a pesquisa do objeto pesquisado serão analisados livros que abordam: o conceito de religião, a importância do Ensino Religioso na escola, o Ensino Religioso no Brasil, o currículo do Ensino Religioso nas escolas brasileiras, a influência da cultura na sociedade e religião, a etnomatemática.

b) Pesquisa bibliográfica: conceitua-se com a busca de uma problematização a partir de referências publicadas, analisando e discutindo as contribuições culturais e científicas. Ela constitui uma excelente técnica para fornecer ao pesquisador a bagagem teórica de conhecimento, e o treinamento científico que habilitam a produção de trabalhos originais e pertinentes.

Essa metodologia constitui requisitos básicos para a elaboração de um trabalho monográfico sendo utilizados para melhor realização deste trabalho, pois de acordo com Boaventura a pesquisa científica é: “[...] o tratamento escrito aprofundado de um só assunto, de uma maneira descritiva a analítica em que a reflexão é tônica”¹.

¹ BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2004.p.22.

Para que os objetivos desta pesquisa fossem alcançados muitos autores serviram de embasamentos por suas ideias com relação ao currículo, a sociedade, a religião, educação religiosa e influência da ética e cultura brasileira na religião e a etnomatemática, entre eles se destacam: Sérgio Rogério Azevedo Junqueira, Afonso Maria Ligório Soares, João Décio Passos, Ubiratran D'Ambrósio, Roberto da Matta e Darcy Ribeiro.

No primeiro capítulo, observaremos a importância da educação no processo de preparar o indivíduo para vida em sociedade, tendo a religião que auxiliar na racionalidade do indivíduo e conseqüentemente em sua relação com o mundo. E para isso, nesse capítulo faremos o histórico do Ensino Religioso no Brasil, como também seu conceito e função para sociedade e sua relação com a Lei de diretrizes e bases da educação.

O segundo capítulo demonstra o conceito e função do currículo priorizando a disciplina de Ensino Religioso e sua articulação entre a teoria e prática, o aprender a conviver com diferentes tradições religiosas, desde a própria cultura e respeitando as diversas formas de expressões culturais, que tende a proporcionar no educando uma maior abertura para o conhecimento das mesmas, e para o entendimento de suas múltiplas manifestações.

O terceiro capítulo apresenta o Currículo do Ensino Religioso nas escolas públicas destacando a etnomatemática e a cultura brasileira. Assim, propomos um novo olhar para o currículo a partir da sua relação com a etnomatemática e o patrimônio ético cultural da sociedade, terminando com uma análise da cultura brasileira como metodologia de ensino do Ensino Religioso, a partir de músicas que demonstram as dificuldades que o país sofreu durante sua história, onde a religião marca presença diretamente neste processo.

As considerações finais deste trabalho, configuram-se como uma tentativa de demonstrar a importância do Ensino Religiosa para a busca do sentido da vida do educando e como o currículo desta disciplina pode auxiliar nesse processo ao possuir uma identidade baseada no patrimônio ético cultural do brasileiro.

1. A RELIGIÃO E O ENSINO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO

1.1. Um pouco de Religião na Educação

A educação deve preparar o indivíduo para vida em sociedade e a religião tende a auxiliar na racionalidade do indivíduo e conseqüentemente em sua relação com o mundo, como podemos observar no que propõe ARÁUJO ao comentar o que concede HABERMAS:

Nesse sentido, os sistemas religiosos de interpretação contém um potencial cognitivo não desprezível, a ponto de Habermas conceder a religião como dimensão imprescindível do aprendizado evolutivo. Na lógica da evolução social, a religião aparece como expressão da racionalidade, e, portanto, como mecanismo vital no desenvolvimento da capacidade humana de conhecimento, de linguagem e de ação.²

Desta forma, a religião tende a contribuir para evolução humana como ferramenta no desenvolvimento da racionalidade, onde através de seus valores o ser humano participa ativamente na sociedade, facilitando sua comunicação e sua prática cotidiana e com o objetivo de entender a influência da religião na educação, por meio do Ensino Religioso, propomos a análise dos seguintes pontos, que julgamos importantes no entendimento da relação entre religião e educação religiosa:

1.1.1. A história da Religião na educação

A religião esteve presente na sociedade desde os tempos mais remotos, seja em situações diárias, como podemos observar na afirmação a seguir:

A religião, ao que tudo indica, acompanhava tanto as atividades cotidianas dos primitivos – a caça, a pesca, a colheita-como as situações-limite, de modo especial a morte. Muitas sepulturas conservam sinais de ritos funerários que indicam determinadas

² ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. **Religião e modernidade em Habermas**. São Paulo: Loyola, 1996 (Coleção Filosofia; 37). p.50.

crenças e práticas religiosas do homem pré-histórico na busca de um significado para a morte ou pós-morte.³

Antes de o homem notar a existência da religião ela já se fazia presente em símbolos e rituais praticados pelos mesmos até o momento em que a mente humana evolui e o ser humano começa a interpretar o que ocorre a sua volta de uma forma mágica e imaginária como na interpretação que fazia sobre a morte e a vida após a morte.

A religião foi predominante na educação nos séculos XV e XIX, conforme podemos observar a seguir:

Ao longo dos períodos do Colonialismo e do Império brasileiro (Século XV e XIX) é efetivado como cristianização por delegação pontifícia justificando o poder estabelecido. A educação foi implantada e ministrada sob os auspícios dos Jesuítas. (...) O caráter disciplinador de toda catequese concorre para a transmissão de uma cultura que visa à adesão ao catolicismo.⁴

A religião esteve presente na educação através da Educação Religiosa, já que num primeiro momento como podemos analisar na citação anterior a educação era responsabilidade dos jesuítas e da Igreja Católica que através da catequese transmitia conhecimentos de linguagem e raciocínio, mas também de Educação religiosa.

Desta forma, percebemos que mesmo como objeto a religião é compreendida e analisada a vários séculos, e como produto de conhecimento, estes estudos são passados as gerações futuras através da educação, mesmo que em tempos remotos, a educação era apenas uma extensão de determinada denominação religiosa

1.1.2. A importância da Religião na Educação

³ PASSOS, João Décio. **Como a religião se organiza: tipos e processos**. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Temas do Ensino Religioso). p.25.

⁴ JUNQUEIRA E WAGNER, Sérgio Rogério e Raul. **O Ensino religioso no Brasil**. Curitiba: Champagnat. 2004. Coleção Educação: Religião, 5). p. 23.

A educação através da escola tem a função de contribuir para que o educando encontre respostas para indagações como: seu conceito, função e objetivo. E para refletir sobre tais perguntas a religião deve ser compreendida, como também a cultura e a ideologia. Conforme o documento desenvolvido no FONAPER-Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso: Os Parâmetros Curriculares Nacionais que demonstram.

Buscar coerência na compreensão de mundo que cada um possui não significa abdicar os fundamentos estruturantes, como no caso da tradição religiosa e cultura. Ao contrário, a própria tradição religiosa, a cultura e a ideologia necessitam da reflexão para se purificarem de suas contradições. A escola deve ajudar o educando a adquirir instrumentos universais que o auxiliem na superação das contradições nas respostas isoladas e procurar dar coerência á sua concepção de mundo.⁵

Desta forma, a religião está presente na educação com o objetivo de contribuir para que o educando compreenda o mundo a sua volta, pois as tradições religiosas são estruturas da concepções do mundo para entender a sociedade no passado e reconstruir o futuro. Para PASSOS, a religião tem uma função específica como podemos observar a seguir:

A religião não tem a função de explicar e solucionar as coisas, mas de dar sentido para as coisas solucionadas e sem solução, para as coisas explicadas e sem explicação. Ela mostra a origem e o fim último das coisas e como as pessoas devem comportar dentro do mundo, enquanto criatura contingente, mascada por limites imponderáveis. Enquanto este horizonte último e fundamental ela não pode ser reduzida a funções imediatas que a razão humana está destinada a solucionar e explicar.⁶

Sendo assim, a religião está presente na vida humana e sua importância na educação é incontável, já que ao observar a citação acima compreendemos que sua função não é solucionar algum problema, mas contribuir para compreender uma solução alcançada ou algo que não tem solução em meio a sociedade e como o educando se faz presente no mundo precisa entender a religião para conseguir viver e entender situações cotidianas.

⁵BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais –Ensino religioso/Fórum Nacional Permanente do Ensino religioso-São Paulo: Mundo Mírim, 2009, p. 38.

⁶ PASSOS. 2006. p. 119.

O mundo está em constante mudança e a religião está diretamente ligada a tais mudanças e estão se organizando cada vez mais para conquistar seu espaço na sociedade e conseqüentemente na educação, porém possui a característica de incentivar seus sujeitos religiosos a viver pela fé através da criticidade e de forma ativa em meio a valores morais, éticos e sociais em paralelo ao que cada grupo religioso entende ser correto.

Além disso, para o mesmo autor religião tem uma grande função social através da política como podemos observar a seguir:

As religiões exercem uma função social. A força inerente da religião é uma arma política poderosa e ambígua capaz de legitimar posturas pessoas e grupos e orientar sociedades e líderes políticos e posturas políticas saudáveis ou fanáticas. A religião sustenta quadros políticos de paz e de guerra, de independência e de escravidão, de vida e de morte.⁷

Assim, a religião através de grupos formados em meio a prática das mesmas regras e valores também pode estar presente na política e ser utilizada como instrumento de manipulação para o bem quanto para o mal e a educação precisa mostrar todos esses lados para que o aluno enquanto cidadão tenha a oportunidade de através da informação escolher o caminho a seguir.

A religião deve ser levada em conta na educação por fazer parte da evolução da sociedade e suas representações demonstram características culturais, ideológicas e sociais dos vários tipos de povos e nações, conforme afirma ARAÚJO: "(...) a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas".⁸

A educação visa contribuir e cumprir sua função de educar em sua totalidade humana. E para isso deve observar a religiosidade de seus estudantes tamanha a sua importância para formar o cidadão crítico, conforme a citação abaixo:

⁷ PASSOS, 2006. p. 117.

⁸ ARAÚJO. 1996. p.147.

Por fim, o estudo da religião poderá também, contribuir com o discernimento e aperfeiçoamento da religiosidade dos próprios estudantes, sem que tenha isso como um pressuposto necessário, como no caso do modelo teológico, o que será benéfico para as próprias confissões religiosas. Uma educação que cumpra seu papel de educar o ser humano em sua totalidade ajudará, inevitavelmente, na educação de sua dimensão religiosa.⁹

Contudo, a religião é importante para a educação por se tratar de um elemento construtivo da sociedade e por auxiliar na interpretação da sociedade antiga e atual e com isso contribuir para política motivando ações e escolhas pessoais e coletivas, através dela a vida passa a ter sentido proporcionando caminhos/rumos para as pessoas ou para o grupo no qual o cidadão esta inserido.

1.2. Um pouco do Ensino Religioso na sociedade e educação

O Ensino Religioso é discutido como necessário ao desenvolvimento do educando há algum tempo e ultimamente vem fazendo parte do currículos das escolas de Ensino Fundamental e Passos mais uma vez afirma:

O Ensino Religioso participa desse processo complexo de ensinar e apreender com autonomia e responsabilidade que é creditado à escola. A religião não é um conteúdo espacial, mas compõem o conjunto dos demais conhecimentos, tanto como fonte de informação sobre o ser humano, a sociedade e a história, quanto como fonte de valor para a vida do educando.¹⁰

Percebemos que através do Ensino Religioso a escola tem a oportunidade de desempenhar sua função de incentivar o educando no despertar de sua autonomia e responsabilidade, além de incentivar através de sua história a compreensão dos valores e do sentido da vida. Desta forma, discutiremos a seguir pontos que consideramos importantes com relação ao Ensino Religioso:

⁹ PASSOS, João Décio. Ensino Religioso- Construção de uma proposta. São Paulo: Paulinas. 2007. (Coleção temas do ensino religioso). p. 79

¹⁰ PASSOS, 2007. p.42.

1.2.1. O conceito de Ensino Religioso

O Ensino Religioso pode ser entendido como reflexão crítica da prática através de uma análise histórica da vida com o objetivo de melhorar a relação do ser humano com o mundo a sua volta, conforme propõe o Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino religioso:

Nessa perspectiva, O Ensino religioso é uma reflexão crítica sobre a práxis que estabelece significados, já que a dimensão religiosa passa a ser compreendida como compromisso histórico diante da vida e do Transcedente. E contribui para o estabelecimento de novas relações do ser humano com a natureza a partir do progresso da ciência e técnica.¹¹

Nesse contexto, o Ensino religioso pode ser visto como conhecimento humano e por meio da reflexão que o ser humano pode construir sua liberdade e como a escola é um espaço de construção de conhecimento por meio da socialização o conhecimento religioso precisa estar presente ao significar o patrimônio da humanidade com a intenção de aguçar a criação de novos conhecimentos e despertar valores através de conhecimentos históricos e sistematizados.

Além disso, o Ensino Religioso pode ser analisado como uma área de conhecimento que tem na Religião seu objeto de estudo, como afirma Passos:

Neste sentido, por epistemologia do ER entendemos a sua base teórica e metodológica, enquanto área de conhecimento específica que assume a religião como um objeto de estudo, produzindo sobre este, resultados compreensivos que normalmente são credenciados como ciência.¹²

Ao analisar a base epistemológica, ou seja, o estudo dos métodos de conhecimentos do Ensino Religioso, notamos que esta pautado na história da humanidade tendo como objeto de estudo as tradições religiosas e por ser função da educação formar pessoas cidadãos esta disciplina deve conter em seus currículos uma abordagem sobre a transmissão de valores. O Ensino

¹¹ BRASIL.2009. p. 34

¹² PASSOS. 2007.p. 28

religioso pode ser considerado a disciplina presente nos currículos das escolas de Ensino Básico responsável em fornecer conhecimentos sobre as Religiões e informações que propiciem a transmissão de valores éticos.

Ao buscar o conceito do Ensino Religioso na educação percebemos que todos os aspectos nos levam a considera-lo como uma ferramenta que através da discussão ou reflexão auxiliam a escola na busca do significado da vida como analisa Junqueira e Wagner:

Ao assumir o Ensino Religioso na perspectiva de formação, da busca de um significado de vida, do desenvolvimento da personalidade com critérios seguros, do compromisso com a plena realização, tem implicações com os conteúdos e as metodologias veiculadas. Isto é, exige a coerência e a consciência entre teoria e prática, intenções e ações, o que perpassa pela transformação de seu articulador (...).¹³

Entretanto, o Ensino Religioso pode ser considerado como um espaço no currículo escolar, onde cada estudante experimenta e reage de forma natural e autentica ao que lhe é proposto, a partir do seu contexto sócio-cultural-histórico quebrando paradigmas ao despertar a consciência e transformá-la visando a sua prática diária e seu convívio social.

O Ensino religioso é uma disciplina que deve aguçar no educando o desejo pelo saber e pela realidade que não conhecemos abrindo caminho para outra dimensão humana, regada pela fé, valorizando o pluralismo, a diversidade cultural de forma democrática e principalmente proporcionar elementos básicos que caracterizam os fenômenos religiosos, refletindo valores morais reflexo da consciência.

1.2.2. A história do Ensino Religioso na Educação

O “FONAPER” em sua edição dos parâmetros do Ensino Religioso divide esta disciplina historicamente em três períodos, os quais são divididos em fases,

¹³ JUNQUEIRA E WAGNER 2004. p.35.

obedecendo a ordem cronológica de Primeira fase (compreendido entre 1500 – 1800), Segunda fase (1800 – 1964), Terceira fase (datada entre 1964 – 1996).

A Primeira fase (1500 – 1800), segundo o FONAPER, se caracterizou pela “(...) ênfase é a integração entre escola, igreja, sociedade política econômica, tendo se principal objetivo básico é ativar os alunos para que se integrem nos valores da sociedade”¹⁴.

Neste período segundo o FONAPER, não havia o Ensino Religioso e sim o Ensino de Religião, pois, já havia um acordo entre os Monarcas de Portugal e o Sumo Pontífice afim de evangelizar os gentios (todos os que não tinham como religião a cristã).

A Segunda fase (1800 – 1964), para o FONAPER, é marcada pelo rompimento entre os jesuítas, responsáveis pela educação religiosa (Ensino Religioso), assim a “educação é referendada pelo Estado Nação”, tendo como escopo “a escola pública, gratuita, laica, para todos”. Assim, entende se como uma mudança no sistema educacional, que no entanto não ocorre, permanecendo a mesma forma implantada pelos jesuítas, no lugar da hierarquia religiosa, o poder econômico da época, a burguesia, assume o lugar dos religiosos, e este passa a se submeter ao Estado, que visa a escola e o professor em um projeto global.

Esta fase, segundo o FONAPER, divide se em 5 etapas, são elas: a) na Monarquia Constitucional (1823 – 1889), onde o Ensino Religioso é submetido ao esquema de protecionismo da Metrópole, ou seja, não desvinculou o vínculo com a igreja a Católica, como cita a Constituição Federal:

Art. 5. A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo.¹⁵

A religião nesta época torna-se uma importante arma de ideologia, a tal ponto de se observar nos juramentos da CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPERIO

¹⁴ BRASIL.2009.p. 22-23

¹⁵BRASIL. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Serviço Gráfico. 1988.p.15

DO BRASIL (DE 25 DE MARÇO DE 1824), e não só a religião Católica, como adverte a mesma Constituição Federal citada anteriormente:

Art. 179. A inviolabilidade dos Direitos Cívicos, e Políticos dos Cidadãos Brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança individual, e a propriedade, é garantida pela Constituição do Império, pela maneira seguinte.

(...)V. Ninguém pode ser perseguido por motivo de Religião, uma vez que respeite a do Estado, e não ofenda a Moral Pública.¹⁶

b) a segunda etapa, segundo o FONAPER, denomina-se: Implantação do Regime Republicano, onde observamos o forte peso do Ensino Religioso para época, pois, conforme podemos analisar a seguir:

(...) Ensino Religioso passa pelos mais controvertidos questionamentos, uma vez que foi tomado como principal empecilho para a implantação do novo regime, em que a separação entre Estado e Igreja se dá pelo viés dos ideais positivistas.¹⁷

Mesmo com o dispositivo do artigo 72 da Constituição Federal 18“§ 6º “Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos.”, o FONAPER afirma que: “O Ensino da Religião esteve presente nas instituições pública sob a orientação da igreja católica”¹⁹.

c) Quanto ao Período de Transição (1930 – 1973) o FONAPER ressalta sua importância pelo fato de: “Ensino Religioso é inicialmente admitido em caráter facultativo.²⁰, mediante o Decreto de 30 de abril de 1931, pela reforma Capanema, este decreto é assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação:

Art 153 - O ensino religioso será de frequência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno manifestada pelos pais ou responsáveis e constituirá matéria

¹⁶ BRASIL. **Constituição Política do Império do Brasil**. (24 de março de 1924) Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm. Acesso em: 10 de dezembro de 2013

¹⁷ BRASIL.2009. p.24.

¹⁸ BRASIL. 1988.

¹⁹ BRASIL.2009.p.25.

²⁰ BRASIL. 2009.p. 25

dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais.²¹

d) Segundo o FONAPER chega o Estado Novo (1937 – 1945), onde a reforma Capanema é oficializada, e o: “Ensino Religioso perde seu direito seu caráter de obrigatoriedade.”²²

e) Terceiro Período – Republicano – (1946 – 1964): Neste período é apresentado um direito que o cidadão passa a contar com o Artigo 141 da CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL (DE 18 DE SETEMBRO DE 1946)²³, na qual em seu inciso 7º diz que:

É inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, salvo o dos que contrariem a ordem pública ou os bons costumes. As associações religiosas adquirirão personalidade jurídica na forma da lei civil.

A Lei 4.024 de 1961 dispõe sobre a disciplina de Ensino Religioso, como parte integrante dos Currículos das escolas, de acordo com os artigos a seguir:

Art. 97. O ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa, e será ministrado sem ônus para os poderes públicos, de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável. [\(Revogado pela Lei nº 5.692, de 1971\)](#)

§ 1º A formação de classe para o ensino religioso independe de número mínimo de alunos.

§ 2º O registro dos professores de ensino religioso será realizado perante a autoridade religiosa respectiva.²⁴

As discussões sobre um Estado laico e o direito ao Ensino Religioso continuam nos anos seguintes até 1964 quando surge a Terceira fase – (1964 – 1996) E para o FONAPER, neste período de profundas transformações são um

²¹ BRASIL. Decreto nº 19.941, de 30 de Abril de 1931. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19941-30-abril-1931-518529-norma-pe.html>. Acesso: 10 de dezembro de 2013

²² Parâmetros Curriculares Nacionais. 2009.p.26.

²³ BRASIL. CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL (DE 18 DE SETEMBRO DE 1946. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao46.htm. Acesso em: 12 de dezembro de 2013

²⁴BRASIL. LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm. Acesso em: 14 de dezembro de 2013

rompimento com as os monopólios da Igreja e do Estado, as interferências sociais estão mais presentes no âmbito escolar, para o FONAPER:

(...) a Escola deixa de ser um espaço unitário e coerente de um grupo privilegiado (...) diversas forças sociais e profissionais se articulam para assumir suas responsabilidades, erigindo novas modalidades de funcionamento da ação escolar".²⁵

Esta fase foi dividida em duas partes a primeira intitula se Quarto Período Republicano (1964 – 1984), onde o Ensino Religioso continua a ser obrigatório para a escola e facultativo ao aluno, de acordo com a Leis de Diretrizes e Bases, nº 5692/71, onde em seu artigo 7º diz que:

Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-lei no 869, de 12 de setembro de 1969.

Parágrafo único. O ensino religioso, de matrícula facultativa constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus.²⁶

A segunda parte deste terceiro período e compreendida entre os anos de 1964 e 1996, nos quais é marcada por intensos debates sobre a disciplina de Ensino Religioso, e através da LDB 9394/96 diz o seguinte:

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º - O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

§ 2º - O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.²⁷

1.2.3. A função do Ensino Religioso para a sociedade

²⁵ BRASIL.2009.p.27.

²⁶ BRASIL. **LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm. Acesso em: 20 de dezembro de 2013

²⁷ BRASIL. **Lei nº 9.394/96, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário Oficial da União seção I.

Para compreender a função do Ensino Religioso para sociedade é necessário entender o surgimento da sociologia, onde DIAS destaca a importância que o fator religioso teve para os estudos sociais e para se envolver a sociedade que estava em um momento de transformações econômica e social, DIAS cita a Sociologia como uma ciência nova que tem advento justamente com o capitalismo, na qual não deixou o fator religioso de fora da análise, através das proposições:

(...) uma associação entre as teorias sociológicas e a história na análise da religião, procurando demonstrar como as mudanças ocorridas na sociedade moderna levaram a transformações na vida religiosa e como isso foi pelas diversas teorias sociológicas.²⁸

O fator religioso pode se tornar um elemento a mais para um indivíduo numa sociedade, DIAS, cita que: “Weber analisou que as religiões estão ligadas aos agrupamentos de classes ou de status, ele construiu uma tipologia ligando as classes sociais e a prática econômica”²⁹

Notamos que a religião surgiu como fator essencial na sociedade por estar diretamente pautada aos grupos de pessoas ao relacioná-las as classes sociais, diante disso, o mesmo autor propõe:

No Brasil, os estudos sobre a composição social das religiosidades ainda está iniciando. Por quinhentos anos a identidade religiosa esteve ligada ao cristianismo católico e só nos últimos cento e cinquenta anos começaram a se estabelecer uma diversidade.³⁰

A sociologia pode ser mais bem compreendida ao analisar a história brasileira, já que por muitos anos a mesma era observada apenas pelo cristianismo católico e com o tempo a pluralidade religiosa foi surgindo e a religião passou a ser entendida em meio as características e regras de cada grupo que pertencia a uma determinada religião.

Por isso, o Ensino Religioso tem a função social de propiciar o entendimento de toda diversidade religiosa que existe na sociedade, além de outras tarefas

²⁸ DIAS, Agemir de Carvalho. Sociologia da religião: introdução às teorias sociológicas sobre o fenômeno religioso - São Paulo: Paulinas, 2012. - (Coleção temas do ensino religioso). p.18.

²⁹ DIAS, 2012.p.35.

³⁰ DIAS, 2012.p.37

analisadas por Augustos Comte, criador do positivismo e citado por DIAS: “(...) uma das tarefas da religião e da humanidade e ministrar o conhecimento com a finalidade de conduzir o homem ao aperfeiçoamento moral.”³¹

O Ensino Religioso passa a reconhecer as diferentes formas de religião, deixando de ser uma extensão de uma denominação institucional, visando assegurar ao educando os conhecimentos gerados pela humanidade a respeito da religião e suas implicações.

Entretanto, observamos também que é função do Ensino Religioso na sociedade propiciar conhecimento moral para que o homem possa viver de forma cidadã ao respeitar o direito do próximo, mas ter maturidade suficiente para cumprir seus deveres e lutar pelos seus direitos quando perceber que os mesmos não estão sendo respeitados, porém devem ser considerados na disciplina de ER assuntos como: amor, fé, respeito, educação, ética e etc com o objetivo de preparar o cidadão para conviver de forma mais digna com todos.

1.2.4. A função do Ensino Religioso na Educação

Para entender a função do Ensino religioso é necessário distinguir entre a referida disciplina e a catequese, devido ao pluralismo religioso, ou seja, as várias manifestações religiosas, ao analisar o que propõe o FONAPER:

O Ensino religioso e a catequese, em última análise, são distintos no seguinte: o ensino religioso, como já foi citado, nada mais é que uma resposta a todos aqueles que caminham como que as apalpadelas, ou seja, aqueles que ainda não conseguiram chamar “Deus” a meta de uma grande busca e por isso se questionam sobre o sentido de sua existência. Enquanto a catequese já é uma orientação aquele que tem um rumo seguro, em virtude de ter sido, desde cedo, educado numa comunidade sólida, de vivência religiosa e portanto já é consciente que em Deus e somente nele a vida tem sentido.³²

³¹ DIAS, 2012.p.61.

³² BRASIL. 2009.p.59.

Ao analisar a diferença citada anteriormente, notamos que o Ensino Religioso auxilia aqueles educandos que não possuem ou não acharam o sentido da vida a encontrá-los, já a catequese é uma orientação para aprofundar os estudos daqueles que já encontraram o caminho a seguir, com isso percebermos que a função do Ensino religioso é aproveitar o espaço escolar como “espaço libertador” em que o aluno possa viver os valores embutidos nas manifestações religiosas para participar do mundo como agente transformador de sua história.

A religião no país deve ser analisada pela sua pluralidade e suas consequências na “democracia participativa” que desenvolvem a esfera pública. Lembrando que quanto mais seus “ritos religiosos” são aceitos e respeitados pela sociedade maior seu poder de contribuir para secularização, onde o conhecimento consequente da capacitação dos que representavam as religiões é fundamental.

Para Junqueira e Oliveira contribuir para a busca de soluções para conflitos é função da educação, conforme as afirmações a seguir:

Intermediar a procura de soluções para impasses e conflitos faz parte da ética da ação de educar. Orientar e incentivar cada educando para que supere a si mesmo, desenvolvendo capacidades de sinceridade, reconhecimento dos próprios erros, respeito, solidariedade, justiça e etc são indispensáveis para que eles mesmos superem preconceitos, rivalidades, temores, privilégios, desigualdades e diferenças que os levam a excluir-se uns aos outros.³³

As disciplinas convencionais presentes na estrutura curricular das escolas tratam da expansão de informações testadas pela experimentação ou se resumem na preocupação com a comunicação, expressão, raciocínio e história.

Desta feita, a disciplina de ER é relevante por ocasionar momentos de reflexão ao demonstrar a preocupação em incluir na aprendizagem do aluno valores que estimulem o educando a conhecer a si mesmo, respeitando suas competências e erros, como também ao seu próximo, sem preconceitos, em

³³ JUNQUEIRA E OLIVEIRA, Rogério Azevedo; Lilian Blank de (Orgs). O ensino religioso: memórias e perspectiva. Curitiba: Champagnat. 2005.p.44

meio a diversidade e desigualdade, em prol do surgimento da vida a partir da convivência de todos, sem exclusão por preconceito ou similar.

A inserção da disciplina de ER nas escolas de educação básica deve ser relevante ao proporcionar a transformação da realidade, como propõe Junqueira; Corrêa e Holanda a seguir:

A inserção do ER no contexto global da educação, na perspectiva dos educandos favoráveis a essa inserção, visando tornar as relações do saber mais solidárias e participativas, ajudando a descobrir instrumentos eficazes para a compreensão e a ação transformadora da realidade social, através dos valores fundamentais da vida. Ao mesmo tempo, tinha por objetivo contribuir com o caráter democrático que a sociedade brasileira começava a incorporar, na medida em que suas diferenças e pluralidades culturais pudessem ser manifestadas e legitimadas em espaços de relações com o conhecimento, como é a escola.³⁴

Diante disso, a escola é o reflexo da sociedade, ou seja, um espaço democrático que através da inserção do ER tende a viabilizar a transformação social em prol de um mundo melhor, onde o educando tem a oportunidade de conviver com seus colegas praticando e descobrindo através destas relações conceitos essenciais para a vida, ao mesmo tempo em que descobre que o mundo é formado por várias manifestações religiosas e para conviver em paz é primordial respeitar as escolhas de cada um, porém só é possível respeitar quando conhecemos suas características, conceitos, práticas e etc.

Em consonância com o que foi proposto podemos entender a importância do Ensino Religioso na educação como parte da grade curricular das escolas públicas ao vincular as discussões a respeito da religião, da interpretação da realidade, ao facilitar a ligação dos saberes e o estímulo para formação do ser humano e sua convivência na sociedade.

³⁴ JUNQUEIRA, CORRÊA E HOLANDA. Sérgio Rogério Azevedo; Rosa Lydia Teixeira; Ângela Maria Ribeiro. Ensino Religioso: aspectos legal e curricular. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.(Coleção temas do ensino religioso),p.37.

1.2.5. A Educação Religiosa segundo a Lei de Diretrizes e Bases da educação

Durante a história observamos que a religião sempre foi estudada de forma gratuita e com promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de nº 4024/61 através do seu artigo nº 97, já citado anteriormente, percebemos que mesmo passando a ser parte do currículo das escolas ainda cabiam as autoridades religiosas o registro dos conteúdos propostos, conforme a citação a seguir:

A disciplina assumiu uma característica de “corpo estranho” no currículo, não apenas por ser facultativa, mas também pelo fato de o próprio registro dos docentes caber á autoridade religiosa e não ao sistema de educação. Outro desafio operacional para o sistema escolar era a divisão das turmas segundo o credo.³⁵

Percebemos que o Ensino Religioso passou a ser facultativo nas escolas, ou seja, o responsável pelo educando que escolhia se o mesmo participava das aulas ou não, lembrando que as autoridades religiosas que ministravam a disciplina que era dividida em várias salas, de acordo com a manifestação religiosa do aluno que não tinha a oportunidade de conhecer outra religião que não fosse a escolhida pela sua família, mas apenas aprofundar na sua como uma espécie de catequese.

Porém, por esta característica de um ensino voltado para catequese com perspectiva confessional e a falta de programa específico sentiu-se a necessidade de uma renovação pedagógica, já que muitos profissionais da educação estavam preocupados em melhorar a estrutura deste trabalho e em meio à mudança na década de 1970 que o perfil educacional era baseado na formação técnica, ou seja, a preparação para o mercado de trabalho surgiu a Lei nº 5.692/71 através do seu Artigo nº 7, já citado anteriormente, e comentado a seguir: “No universo da reforma trazida pela Lei nº 5.692/71, o ER foi contemplado por ser compreendido como um elemento que colabora na formação moral das gerações”³⁶

³⁵ JUNQUEIRA, CORRÊA E HOLANDA. 2007.p.32

³⁶ JUNQUEIRA, CORRÊA E HOLANDA. 2007.p.34

A partir daí, o Ensino Religioso mesmo sendo facultativo para o aluno, passa a ter a função de contribuir com a preparação do mesmo para a vida em sociedade, através da aquisição de princípios morais e éticos, porém os professores continuavam sendo voluntários e representantes das manifestações religiosas.

Com o surgimento da LDBEN 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996, também denominada "Lei Darcy Ribeiro" foi estabelecida, os seguintes princípios e fins para a educação, como também os responsáveis pela educação:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidades o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização de experiência extra escolar
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.³⁷

O Ensino Religioso na escola continuava sendo uma preocupação e com o passar do tempo passou a favorecer a diversidade nacional, por meio da pluralidade religiosa reflexo das várias dimensões culturais que formam a sociedade brasileira, como podemos observar na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional citada anteriormente.

Nesta mesma lei o Ensino Religioso foi contemplado na artigo 33 com a seguinte redação:

O Ensino religioso de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de educação básica, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as

³⁷ BRASIL.1996

preferências manifestadas pelos alunos ou seus responsáveis, em caráter:

I - Confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou do seu responsável, ministrado por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas; ou

II - Interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração dos respectivos programas. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96)³⁸

E com a Lei supracitada, o Ensino Religioso passa a ser considerado confessional, porque era ministrado de acordo com a preferência e o credo do aluno ou de seus familiares, já os professores desta disciplina receberiam orientação das manifestações religiosas, conforme a conveniência das manifestações religiosas, ou seja, os docentes deveriam atuar em consonância com as entidades religiosas e eram credenciados pelas igrejas.

Diante da necessidade de traçar caminhos democráticos para a disciplina de ER varias entidades desenvolveram movimentos enfatizando o Ensino Religioso como direito do cidadão sem discriminação, assegurando uma educação de qualidade, independente do credo religioso de cada um, e esses preceitos são de obrigação pública.

E após muitas discussões a partir da ideia que o Ensino Religioso deveria deixar de ser confessional, através de um ensino para a formação de valores do ser humano. O Congresso Nacional, por quase unanimidade, aprovou um novo texto e em 22 de julho de 1997, foi sancionada pelo Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, a nova Lei sob o nº 9.475, que seria o novo direcionamento a partir de então para a disciplina de Ensino Religioso ao alterar o art. 33 da LDB9394/96 ficando da seguinte forma:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos de ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

³⁸ BRASIL.1996

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.³⁹

Com isso, o Ensino religioso veio evoluindo através de leis que promulgam as diretrizes e bases da educação passando a ser parte integrante na formação básica do aluno matriculado em escolas públicas. E mesmo sendo facultativo para o aluno esta presente nos horário normal de aula da escola tendo os sistemas de ensino a responsabilidade de selecionar os conteúdos a ser ministrados por professores habilitados, conforme a pluralidade religiosa existente no país e a preparação moral e ética para a vida em sociedade.

Desta feita, após observar pontos relacionados à Religião e o Ensino Religioso na educação. O próximo capítulo enfatizará o conceito e função do currículo do Ensino Religioso por meio da articulação entre teoria e prática.

³⁹.BRASIL. LEI Nº 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 22 de julho de 1997. Brasília: Diário Oficial da União.

2. O CONCEITO E FUNÇÃO DO CURRÍCULO ENFATIZANDO A DISCIPLINA DE ENSINO RELIGIOSO

O currículo tende a facilitar a interação teoria e prática ao propor conteúdos que devem ser analisados pelos educandos em confronto com situações do seu cotidiano no que podemos chamar de “tradição inventada”, conforme podemos observar a seguir:

(...) A questão, no entanto, é que o currículo escrito é exemplo perfeito de invenção da tradição. Não é, porém, como acontece com a tradição, algo pronto de uma vez por todas; é, antes, algo a ser definido onde, com o tempo, as mistificações tendem a se construir e reconstruir.⁴⁰

Assim, observamos que o currículo é uma ferramenta pedagógica que auxilia na aprendizagem do educando ao propor o conhecimento a partir das tradições inventadas, porém ela se constrói e se reconstrói constantemente o que induz a constante mudança do currículo, já que podemos entender que as tradições inventadas são um conjunto de práticas e ritos que englobam o cotidiano do aluno através de ações, normas de comportamento, escolhas e valores propostos através da história da sociedade.

Diante disso, o currículo é fundamental na disciplina de Ensino Religioso ao ser conceituado como: “Currículo é uma sucessão de experiências escolares adequadas a produzir, de forma satisfatória, a contínua reconstrução da experiência”⁴¹, já que a disciplina supracitada propõe momentos de reflexão sobre valores, normas e manifestações religiosas essenciais para a vida em sociedade de forma ativa o que nos leva a considerar a importância de analisar o conceito do currículo, sua importância como articulador entre teoria e prática e sua função na disciplina de Ensino religioso, conforme indicamos nos subcapítulos a seguir:

⁴⁰ GOODSON, Ivor F. Currículo: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Ciências sociais da educação). p. 27

⁴¹ TRALDI, Lady Lina. **Currículo**. São Paulo: Atlas, 1984. P. 33.

2.1. O conceito de currículo educacional

O currículo auxilia na aprendizagem como instrumento para entender e simular a realidade através de comportamentos didáticos, políticos, administrativos e econômicos, lembrando que o mesmo é uma construção cultural que deve ser desenvolvido democraticamente, conforme observamos a seguir:

Quando definimos o currículo estamos descrevendo a concretização das funções da própria escola e a forma particular de enfoca-las num momento histórico e social determinado para um nível ou modalidade de educação, numa trama institucional, etc. O currículo do ensino obrigatório não tem a mesma função que o de uma especialização universitária ou de uma modalidade de ensino profissional e isto se traduzem em conteúdo, formas e esquemas de racionalização interna diferente, porque é diferente a função social de cada nível e peculiar a realidade social e pedagógico que se criou historicamente em torno dos mesmos.⁴²

Assim, o currículo deve ser modelado, a partir do objetivo que se quer alcançar em cada nível ou modalidade, por isso deve se repensar as práticas curriculares, para que o mesmo atenda às necessidades educacionais dos alunos, pois o mesmo não pode ser apenas um instrumento metodológico para efetivar a aprendizagem, precisa fazer sentido para o aluno ao propor o conhecimento relacionado com a sociedade e cultura da instituição escolar.

O ponto crítico e a passagem de um currículo cartesiano, estrutura previamente a prática educacional, a um currículo dinâmico que reflete o momento sociocultural e a prática educativa inserida. O currículo dinâmico é contextualizado no sentido amplo, mas o currículo cartesiano, tradicionalmente baseado nos componentes: objetivos, conteúdos e métodos, obedece às definições obsoletas de objetivos de uma sociedade conservadora.⁴³

Percebemos que o currículo não pode ser um emaranhado de objetivos, conteúdos e métodos de ensino de forma tradicional e sem sentido, precisa ser dinâmico que além do que foi citado como tradicional possa simular na prática

⁴² SACRISTAN, J. Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3.ed. Porto Alegre: ArtMed. 2000. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/43900300/O-curriculo-Uma-reflexao-sobre-a-pratica>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014. p. 42.

⁴³ D AMBROSIO. Ubiratan. Educação matemática: da teoria à prática. Campinas-SP: Papyrus. 1997. 88.

a história e sociedade na qual vivemos traçando um paralelos entre o passado e o presente, para criar o futuro.

Para PERRENOUD: “(...) hoje o debate sobre a cultura deveria ser insociável de um debate sobre a pedagogia” ⁴⁴. Desta feita, podemos conceituar o currículo como o cruzamento de práticas pedagógicas que visam a aquisição de conhecimentos, por meio da realidade do aluno, ou seja, a teoria aliada a prática em busca de situações problemas e hipóteses que preparam o educando para a tomada de decisão.

Além disso, o sucesso escolar pode ser alcançado através da prática inovadora do currículo que traz consigo a observação do que o aluno precisa aprender para viver em sociedade, O podemos considerar como sendo um desafio para a pedagogia ao executar essa reavaliação do currículo, priorizando seus conhecimentos e fazendo com que tenha sentido para o aluno, conforme afirma PERRENOUD:

Nenhuma dessas escolhas é feita ao acaso, mas os desafios são muito complexos e diversos de modo que não convém perder o currículo de vista ou inventar normas que estão mais voltadas para a tradição escolar, para as obrigações de funcionamento, para as escolhas metodológicas ou as considerações político-estratégicas, que para uma leitura rigorosa dos programas. Ao contrário, é mais importante que:

1. o currículo tenha precedência e se fundamente naquilo que pareça essencial para ensinar e aprender, em vez de fundamentar-se na obsessão de avaliar de modo preciso ou na preocupação de fazer boa figura diante de uma concorrência que passa por tantas mediações;
2. o sucesso escolar se fundamente numa avaliação equitativa do conjunto das dimensões do currículo. Só o currículo e nada mais que o currículo. ⁴⁵

Em relação ao que foi proposto pelo autor na citação anterior, onde se entende que fazer escolhas é um grande desafio, mas é essa dificuldade que contribui para uma aprendizagem significativa. Essa ideia também pode ser analisada no que propõe FREIRE ao defender a prática da “educação libertadora” que deve fazer parte do cotidiano e currículo do professor, que tem um papel fundamental nesse processo, ao considerar a experiência do aluno, sendo que

⁴⁴ PERRENOUD, P. “Cultura, scolaire, culture elitaire?” Coordinationn^o 37, maio de 1990. p.23.

⁴⁵ PERRENOUD, 1990. p.10.

nesta prática é fundamental dispor de estratégias de ensino que incentive a transformação do saber, através de conhecimentos reais relacionadas a situações vividas pelos alunos fora da escola, de acordo com o que afirma a seguir:

Ao contrário, educar e educar-se na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem-por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber, em diálogo como aqueles que quase sempre, pensam que nada sabem para estes transformando seu pensar que nada em saber que pouco sabem, possam igualmente saber.⁴⁶

Considerando ainda, a responsabilidade do professor no processo ensino/aprendizagem, notamos que ensinar exige pesquisa tanto quanto ao conteúdo a ser proposto como da realidade vivida pelo aluno. Segundo FREIRE:

Ensinar exige pesquisa. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei porque indago e me indago. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade [...].⁴⁷

O currículo pode ser entendido de várias maneiras como as que já discutimos anteriormente, porém a citação a seguir contribuirá com o esclarecimento do seu conceito:

Assim, mais que um “artefato” resultante de aplicação de um conjunto de procedimentos técnicos e administrativos, um currículo implica, primordialmente, um processo de construção social que se desenvolve em um marco impregnado de tradições de pensamento pedagógico e curricular, frequentemente diversas. Desse modo, o técnico, o político e o cultural são dimensões constitutivas do planejamento como processo social (...).⁴⁸

Com isso, o currículo pode ser definido como um conjunto de procedimentos que direcionam a aprendizagem do aluno como: objetivos, conteúdos,

⁴⁶ FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? Tradução de Rosisca Darcy de oliveira. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1983. p. 15

⁴⁷ FREIRE, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 21. ed. São Paulo: Paz e terra, 2002. p.32.

⁴⁸ LOPES E MACEDO, Alice Cassimiro e Elizabeth. Políticas de currículos em múltiplos conceitos. São Paulo: Cortez, 2006. (Série cultura, memória e currículo; v.7). p. 41-42.

metodologia de ensino, competências e habilidades, mas principalmente a construção do conhecimento através de situações cotidianas que priorizem a construção social por meio da história, sociedade, valores e manifestações religiosas.

2.2. O currículo como articulador entre teoria e prática

O currículo e sua função podem ser entendidos a partir de perspectivas pedagógicas na pedagogia tradicional, os conteúdos eram selecionados a partir da etapa de formação do aluno, sendo o professor um transmissor e o aluno um assimilador de conhecimento, que tem como controle os procedimentos avaliativos o que demonstra uma cultura de dominação. Conforme SACRISTAN:

Esta nova dimensão ou visão da teoria e prática curricular não anula a proposição do currículo como projeto cultural, mas sim, partindo dele, analisa como se converte em cultura real para professores e alunos, incorporando a especificidade da relação teoria-prática no ensino como uma parte da própria comunicação cultural no sistema educativos e nas aulas. É, pois um enfoque integrador de conteúdos e formas, visto que o processo se centra na dialética de ambos os aspectos. O currículo é método além dos conteúdos (...) por meio de seu formato e pelos meios em que se desenvolve na prática condiciona a profissionalização dos professores e a própria experiência dos alunos.)⁴⁹.

Desta feita, o currículo para ser eficaz em seu objetivo de facilitar o processo de ensino e aprendizagem deve partir da interação entre teoria e prática, a partir da comunicação cultural, onde partindo da teoria/conteúdos o conhecimento se efetiva ao relacionar os conceitos a experiência sociocultural do aluno demonstrando na prática essa junção que torna a escola prazerosa e significativa para o educando.

Em desacordo com a função do currículo na pedagogia tradicional surgiu o currículo multifuncional, com o propósito de relacionar as diferentes manifestações culturais, etnias, orientações sexuais e necessidades especiais,

⁴⁹ SACRISTAN. 2000,p.51.

ou seja, as diferenças aos conteúdos presentes no currículo. Afirmando a necessidade da interação da realidade do aluno ao currículo escolar SACRISTÀN afirma:

O currículo modela-se dentro de um sistema escolar concreto, dirige-se a determinados professores e alunos, serve-se de determinados meios, cristaliza, enfim, num contexto, que é o que acaba por lhe dar o significado real. Daí que a única teoria possível que possa dar conta desses processos tenha de ser do tipo crítico, pondo em evidência as realidades que o condicionam.⁵⁰

Assim, para que o currículo cumpra o papel de contribuir metodologicamente para a aprendizagem em qualquer disciplina deve ter como característica a criticidade, em prol de estimular toda diversidade e experiência dos alunos facilitando o contato entre as diferentes opiniões.

A Escola tem como clientela alunos com diversas demandas de conhecimento, condições socioculturais e anseios. E diante dessa situação, um dos principais desafios da escola é a utilização do currículo como metodologia de ensino, sem excluir o aluno, diante de tanta diversidade, mas atender suas características por meio de um currículo regularizado a necessidade do aluno. Para APLE:

Assim o currículo não é pensado como uma 'coisa', como um programa ou cursos de estudos. Ele é considerado como um ambiente simbólico, material e humano que é constantemente reconstruído. Este processo de planejamento envolve não apenas o técnico, mas o estético, o ético e o político. Se quiserem que ele responda plenamente tanto ao nível pessoal quanto social.⁵¹

Ao observar a citação anterior, analisamos a Escola como uma oportunidade de inserir o aluno na sociedade e mercado de trabalho por meio do conhecimento significativo e da prática e reflexão em prol do desenvolvimento integral do cidadão, respeitando suas particularidades, faixa etária e sociedade, onde o currículo tende a ser uma ferramenta importante para contribuir na

⁵⁰ SACRISTAN, 2000. p.21

⁵¹ APPLE, Michael. A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? In: MOREIRA, Antônio Flávio B. e SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p.210

contextualização da experiência acumulada, os conteúdos propostos de acordo com a etapa cursada, a realidade, características e necessidades desses .

O currículo precisa ser considerado na escola como facilitador de aprendizagem e não como um instrumento complexo de dominação através de um apanhado de conteúdo, mas propor a interação com a sociedade em que a aluno convive, por isso deve refletir os anseios, vontade e necessidade dos alunos. De acordo com Costa:

O currículo escolar é um lugar de circulação das narrativas, mas sobretudo, é um lugar privilegiado dos processos de subjetivação, da socialização dirigida, controlada. É em grande parte à escola que tem sido atribuída a competência para concretizar um projeto de indivíduo para um projeto de sociedade.⁵²

Diante disso, as atividades desenvolvidas na escola precisam simular, além de conhecimentos teóricos trabalhados, os princípios sociais, sendo a escola um ambiente propício para isso, a partir do momento que está repleto de constatações, significações e diversidade de raça, sexo, religião, etnias e etc.

Por isso, o currículo tem o papel de reprodução social e cultural ao respeitar a necessidade de obter conhecimento para aplicação na vida em sociedade e mercado de trabalho, principalmente reconhecendo que os alunos já trazem para escola o conhecimento empírico e buscam a organização de tais informações e sua aplicabilidade. Para Lopes e Macedo:

A Teoria curricular tem problematizado as formas de transmissão, apropriação e legitimação dos conhecimentos escolares, que se naturalizaram em estrutura disciplinares e, numa perspectiva crítica, entende-os como vinculadores a uma visão particular do mundo, fortemente impregnada de crenças, afetos, valores, ideais, expectativas e relações de poder.⁵³

Os mesmos autores ainda afirmam que:

A discussão sobre “o que deve ser ensinado nas escolas” envolveu diferentes abordagens da teoria curricular e encaminhou o

⁵² COSTA, Marisa Vorraber org. O currículo nos limiares do contemporâneo. 3ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.50.

⁵³ LOPES E MACEDO, 2005. p. 150.

entendimento do currículo como uma construção social permeada pela lógica da organização e estratificação social e das relações do poder.⁵⁴

Notamos que em consequência da presença das relações sociais e de poder no currículo, o conhecimento passa a ser transmitido pelas características de cada grupo, já que por meio dele são disponibilizados processos de subjetivação, socialização e competência em prol de indivíduo apto a interagir na sociedade e em constante mudança tanto do sujeito como do currículo.

O professor precisa encontrar situações que possibilitem a interação entre a teoria e a prática, ou seja, deve servir de norteador ou controlador do currículo ao selecionar os conhecimentos considerados aptos à discussão o que acaba acarretando numa conformidade social. Conforme, analisamos na citação a seguir:

[...] embora os proponentes de um currículo nacional possam vê-lo como meio de criar coesão social e de nos possibilitar melhorar nossas escolas, avaliando-as segundo critérios 'objetivos', os seus efeitos serão justamente o contrário. (...) Em lugar de coesão social e cultural, o que surgirá serão diferenças ainda mais acentuadas, socialmente produzidas entre 'nós' e os 'outros', agravando os antagonismos sociais e o esfacelamento cultural e econômico delas resultantes.⁵⁵

Desta forma, para que o currículo contribua de forma significativa para aprendizagem do aluno incentivando a interação entre a teoria/conteúdo e prática/experiência precisa construir identidades por meio do processo de criação, escolha, coordenação e distribuição do conhecimento escolar enfatizando a sociedade e suas diferentes características que formam grupos distintos, ou seja, a elaboração do currículo começa pela seleção da cultura social, da política, econômica e manifestações religiosas que são fruto de lutas e transações ao longo da história.

2.3. A função do currículo na disciplina de Ensino Religioso

⁵⁴ LOPES E MACEDO, 2005. P. 162.

⁵⁵ APPLE, Michael. Ideologia e Currículo. São Paulo: Brasiliense, 1986.P.75-76.

A função do currículo na disciplina de Ensino Religioso pode ser analisada num primeiro momento através da história curricular que demonstra uma história também social em vários momentos da sociedade que possuem características e desafios específicos que repercutem em novas formas de convivência.

De acordo com Silva, para entender a história do currículo precisamos:

Uma história do currículo tem que ser uma história social do currículo, centrada numa epistemologia social do conhecimento escolar, preocupada com os determinantes sociais e políticos do conhecimento educacionalmente organizado. Enfim, tem que descobrir quais conhecimentos, valores e habilidades eram considerados verdadeiros e legítimos numa determinada época, assim como determinar de que forma essa validade e legitimidade foram estabelecidas.⁵⁶

Entretanto, o currículo passou de uma fase tradicional durante a história para um momento que prioriza a epistemologia social do conhecimento, onde o conhecimento deve ser observado a partir dos acontecimentos sociais, porém não podemos destacar na elaboração do currículo apenas a sociedade na qual a escola está inserida, mas todas as sociedades é o que chamamos de multicultural, ou seja, multi (muitas) e cultural (culturas). Para SACRISTAN: “Um currículo multicultural no ensino, implica mudar não apenas as intenções do que queremos transmitir, mas os processos internos que são desenvolvidos na educação institucionalizada”.⁵⁷

Desta feita, o currículo deve priorizar todas as histórias sociais através de multiculturas, para que o educando possa ter uma visão ampla de mundo, porém todo esse processo requer mudança nas intenções do que queremos transmitir, mas as estratégias que auxiliam nesse processo.

A função do currículo também pode ser analisada através do que propõe Arroyo quanto a importância das relações sociais como ferramenta na produção de conhecimento:

⁵⁶ SILVA, Tomaz Tadeu da. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Territórios contestados. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 10-11.

⁵⁷ SACRISTAN, 2000. p.23.

A preocupação com o cotidiano, com os rituais, com as relações sociais que se dão nos processos escolares, na produção do conhecimento e socialização, tem aumentado entre os educadores e pesquisadores. Que papel cumprem as relações sociais na escola na formação do trabalhador e dos educandos em geral? A escola está cada vez mais próxima de nossas preocupações. Aproximando-nos da escola descobrimos seus currículos, sua organização e também as relações sociais em que se dá a prática educativa.⁵⁸

O currículo pode ser entendido pela determinação de conteúdos relacionados a cultura e história e relação com a sociedade, porém priorizar saberes relevantes as necessidades de alunos não é tarefa fácil, pois a partir do momento que tais conhecimentos são selecionados devem ser considerado os interesses, os posicionamentos, e os conflitos desta clientela.

O Ensino Religioso tende a contribuir com o desenvolvimento dos currículos proposto para as instituições de ensino, porém o currículo como ferramenta pedagógica pode ser considerado um instrumento necessário para alcançar os objetivos das aulas de Ensino Religioso, a partir da cultura e esta pode ser compreendida através das expressões culturais: produções artísticas, musicais, literárias e outras formas que refletem nada mais que as doutrinas recebidas da igreja/catequese, as tradições locais e folclóricas cercadas de mitos e ritos de cunho religioso.

De acordo com o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso:

O tratamento didático subsidia o conhecimento. Assim, o Ensino Religioso pelos eixos de conteúdo de culturas e Tradições Religiosas, Escrituras Sagradas, teologias, Ritos e Ethos vai sensibilizando para o mistério capacitando para a leitura da linguagem mítico-simbólica e diagnosticando a passagem do psicossocial para a física/transcendente.⁵⁹

Na disciplina de Ensino Religioso e no currículo de todas as disciplinas a cultura deve ser observada e para isso os códigos, signos e símbolos que envolvem as várias culturas devem ser considerados, porém a reflexão de

⁵⁸ ARROYO, Miguel G. As relações sociais na escola e a formação do trabalhador. In: Trabalho, formação e currículo: para onde vai à escola? São Paulo: Xamã, 1999. p. 13.

⁵⁹ BRASIL. 2009. p.58-59

diversos significados e culturas e suas tradições religiosas remetem a crítica de crenças, ideais políticos e comportamentos o que ocasiona no educando que possuem em sua plenitude diferentes reações e estímulos. E mesmo que os temas sejam tratados com imparcialidade cabendo à disciplina de Ensino Religioso encontrar estratégias através do currículo no exercício da criatividade para transferir o saber científico, de forma eficiente e transformadora minimizando os atritos fruto de várias convicções.

Através da possibilidade de transformação e integração da escola com a realidade social, econômica, política, cultural e religiosa, permitindo o desenvolvimento integral do ser humano na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária, pois pensar o Ensino Religioso também no âmbito da formação para a cidadania despertando valores é pensar numa prática de inclusão social que busque sempre a possibilidade de acesso a um padrão de qualidade de vida para todos priorizando que a diversidade entre as religiões deve ser aceita e respeitada e tudo isso deve ser articulado através do currículo.

No mundo em que vivemos, existe pluralidade de raças, culturas, ideologias e religiões. Se cada denominação se afirmasse como a única verdadeira ou a melhor, desencadear-se-ia um conflito constante no mundo; e o mesmo não poderia ser qualificado como pluralista. O pluralismo antes de tudo supõe diversidade, variedade de raças, culturas, ideologias, e religiões, que devem ser aceitas e acolhidas como um valor; e isso, é condição fundamental do pluralismo⁶⁰.

O pluralismo pode ser a diversidade apresentada na variedade de raças, culturas, ideologias e religiões e a escola deve proporcionar maneiras de ensinar o educando a conviver de forma a respeitar as diferenças e opiniões. Para que mesmo com características ou ideologias possamos conviver de forma ética. De acordo com o Parâmetro Curricular Nacional “É na vivência e

⁶⁰ CATÃO, Francisco A. C. A Educação no Mundo Pluralista: por uma Educação de Liberdade. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 45-46.

reflexão do mesmo, nas diferentes áreas de conhecimento, que se aprende a respeitar e a exigir respeito”.⁶¹

Diante disso, o aprender a conviver com diferentes tradições religiosas, desde a própria cultura e respeitando as diversas formas de expressões culturais, proporcionando ao educando uma maior abertura para o conhecimento das mesmas, e para o entendimento de suas múltiplas manifestações.

O Currículo Básico do Ensino Fundamental: anos iniciais do Ensino Fundamental: área de Ciências Humanas:

A disciplina Ensino religioso deve, portanto contribuir com os estudantes na busca da compreensão, comparação e análise das diferentes manifestações do sagrado, com vistas à interpretação dos seus múltiplos significados. E ainda deve ajudar os estudantes na compreensão de conceitos básicos no campo religioso e na forma como as sociedades são influenciadas pelas tradições religiosas, tanto na afirmação quanto na negação do sagrado.⁶²

É a partir do currículo e sua função de despertar a consciência da pluralidade, que poderemos viver democraticamente convivendo com grupos diferenciados, valorizando à trajetória particular de cada um que compõe nossa sociedade.

O objetivo do ensino religioso é proporcionar experiências, informações e reflexões ligadas à dimensão religiosa da vida, que ajudem a cultivar uma atitude dinâmica de abertura ao sentido mais profundo de sua experiência em comunidade e a preparar-se para a opção responsável do seu projeto de vida. Esta disciplina ajudará os alunos a vivenciar práticas transformadoras, a remover eventuais obstáculos à fé, a compreender as diversas expressões religiosas, a valorizar a própria crença e a respeitar a dos outros.⁶³

O currículo da disciplina de Ensino Religioso é chamado a ter uma identidade definida, ocasionando subsídios para que o aluno adquira experiência na vivência da própria fé e conseqüentemente manifeste uma realização pessoal e social na sua busca de crescimento ao ser capaz de conviver com pessoas de

⁶¹ BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - (PCNs). Ética. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília. (Secretaria do Ensino Fundamental) - SEF, Agosto 1996. p. 97.

⁶² BRASIL. Secretaria de Educação E Cultura do Estado do Espírito Santo. Proposta Curricular para o Ensino Fundamental: Ensino Religioso. Vitória –ES: SEDU, 1990. p. 101.

⁶³ GRUEN, Wolfgang. Ensino Religioso na Escola. 2ª Edição; Petrópolis, Vozes, 1995.p. 81-82.

culturas e credos diferentes e, com eles, estabelecer diálogo ao buscar sempre conhecer a realidade sociocultural, política, econômica e religiosa de sua época.

O currículo deve ser observado como um instrumento que auxilia a aprendizagem ao entender e simular a realidade através de comportamentos didáticos, políticos, administrativos e econômicos, lembrando que o mesmo é uma construção cultural.

Ao relacionar o currículo do Ensino Religioso devemos enfatizar que o mesmo é uma práxis antes que um objeto estático emanado de um modelo coerente de pensar a educação ou as aprendizagens necessárias das crianças e dos jovens, que tão pouco se esgota na parte explícita do projeto de socialização cultural nas escolas.

É uma prática, expressão, da função socializadora e cultural que determinada instituição tem, que reagrupa em torno dele uma série de subsistemas ou práticas diversas, entre as quais se encontra a prática pedagógica desenvolvida em instituições escolares que comumente chamamos ensino, a qual se expressa em comportamentos práticos diversos, como podemos observar:

O currículo, como projeto baseado num plano construído e ordenado, relaciona a conexão entre determinados princípios e uma realização dos mesmos, algo que se há de comprovar e que nessa expressão prática concretiza seu valor na prática na qual se estabelece um diálogo, por assim dizer, entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele, professores que o modelam, etc.⁶⁴

As modalidades de educação num mesmo intervalo de idade acolhem diferentes tipos de alunos com diferentes origens e fim social, o que reflete no conteúdo a ser cursado em um tipo ou outro de educação. A formação profissional paralela ao ensino secundário segrega a coletividade de alunos de diferentes capacidades e procedência social e também com diferente destino social, e tais determinações podem ser vistas nos currículos que se distribuem

⁶⁴ SACRISTAN. 2000. p. 64.

num e noutra tipo de educação o que não acontece no currículo de Ensino religioso que é um apanhado de conteúdo a ser observado de forma uniforme em todos os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

Para PASSOS os conteúdos observados nas escolas acabam por provir confissões religiosas por meio de currículos que reproduzem teologias confessionais, de acordo com as afirmações a seguir:

As concepções e práticas desse ensino, historicamente sedimentados e politicamente resolvidos, assentam-se sobre incongruências epistemológicas que têm mantido essa disciplina no segundo escalão dos currículos. A formação básica do cidadão aguarda a formação básica dos docentes do ER para que esta disciplina possa efetivar-se como prática educativa legítima e comum no currículo e na vida dos educandos.⁶⁵

Notamos neste capítulo, que a realização da inserção curricular e sua função nesta disciplina é feita politicamente e democrática com a participação das confissões que selecionam os conteúdos a serem ensinados e o Estado reconhecendo o direito da educação religiosa e controlando sua gestão em prol da pluralidade cultural e religiosa, o que não deveria ser assim, já que essa disciplina deveria oferecer elementos que pedagogicamente através do currículo contribuam com a convivência social ao disponibilizar instrumentos para o aluno discernir o comportamento ideal enquanto cidadão.

No próximo capítulo, teremos a oportunidade de explicitar o Currículo da disciplina de Ensino Religioso das Escolas Públicas, a partir de um paralelo, resultado de um novo olhar por meio de sua relação com a etnomatemática e o patrimônio cultural, enfatizando a cultura brasileira e sua música popular.

⁶⁵ PASSOS, 2007. p.23

3. O CURRÍCULO DO ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DESTACANDO A ETNOMATEMÁTICA E A CULTURA BRASILEIRA

A disciplina de Ensino Religioso nas escolas públicas é direcionada por um currículo que compreende as competências e habilidades que os alunos devem desenvolver após a análise de um apanhado de informações fruto de temas e conteúdos trabalhados.

Ao observar o currículo mencionado notamos sua relação com o desenvolvimento pleno do educando a partir da abordagem cultural de um determinado grupo, país ou mesmo do mundo, assim como sua relação com outras disciplinas formando a aprendizagem significativa ou contextualizada.

3.1. Análise do currículo de Ensino Religioso das escolas públicas

O currículo do Ensino Religioso nas Escolas Públicas pode ser compreendido como Educação para religiosidade, com o objetivo de preparar o educando para a escolha ou não de uma das várias religiões e conseqüentemente manifestações religiosas, de modo a entender o motivo da sua existência no mundo.

De acordo com o Currículo Básico Escola Estadual do Espírito Santo:

A importância do Ensino Religioso é que se constitua como uma educação da religiosidade, capaz de ajudar os educandos a se auto posicionarem diante da transcendência e dar um sentido á própria existência.⁶⁶

⁶⁶ BRASIL. Secretaria de Educação do Espírito Santo. CURRÍCULO BÁSICO ESCOLA ESTADUAL. Ensino Fundamental: anos iniciais. Vitória: SEDU, 2009. p. 100.

O Ensino Religioso, como já observamos é de oferta obrigatória para o educando do Ensino Fundamental na grade curricular das escolas públicas, porém é facultativo para o aluno, sua presença nas aulas desta disciplina, por isso entendemos que a reflexão sobre religiosidade presente no currículo desta matéria é nova na educação, porém ao analisar os temas ou conceitos abordados nas aulas ministradas pelos professores percebemos que vai além de trabalhar o significado de religiosidade e do fenômeno religioso em suas diferentes manifestações, linguagens e paisagens religiosas possui a preocupação de refletir e integrar os conceitos religiosos como um conhecimento fundamental para formação integral do ser humano.

Notamos que uma das dificuldades encontradas na metodologia de ensino/aprendizagem do Ensino Religioso é encontrar uma maneira ética de eliminação do preconceito religioso e respeito a diversidade, conforme observamos no Currículo Básico Escola Estadual do Espírito Santo: “O grande desafio, porém, é efetivar uma prática de ensino voltada para a superação do preconceito religioso e alicerçada no respeito á diversidade religiosa.”⁶⁷

Desta forma, para cumprir seus objetivos a disciplina de Ensino Religioso parte das experiências e conhecimentos do educando, ou seja, tem a função de relacionar: informação e reflexão para ação e para isso se resume em três dimensões: pessoal, comunitária ou coletiva e transcendente.

A primeira trata da dimensão pessoal pautada na liberdade que possibilita que cada indivíduo escolha a religiosidade que pretende seguir, já a segunda a dimensão coletiva demonstra a importância de se viver e conviver em grupo onde cada indivíduo possui suas escolhas entre as várias confissões religiosas e deve ser respeitado na sua diversidade e por sua vez a terceira a dimensão transcendente é a observação, análise e respeito as expressões que cada religião traz e que em sua maioria são voltadas de “mistério” seja aplicável ou sensível.

O ser humano vive em sociedade e dentro da mesma, vários grupos são formados e um deles tem como característica principal a religião, com isso o

⁶⁷ BRASIL. 2009.p.101.

Ensino Religioso visa proporcionar espaços de aprendizagem que ocasionam a meditação e atos críticos que simulem o respeito a diversidade religiosa, segundo é apresentado no Currículo desta disciplina, apontando apresentar uma pedagogia que:

- Promova a construção de uma participação
- Incentive a compreensão dos dissensos e dos conflitos
- Leve a uma abertura para o mundo como compromisso concreto com os contextos nos quais se dão os processos educativos.⁶⁸

Diante disso, a escola de forma efetiva propiciará ao aluno a aceitação do indivíduo em relação a manifestação religiosa de seus colegas que pode ser diferente da sua crença tida como verdade, além de respeitar a escolha que cada pessoa tem e conseqüentemente todas as religiões sabendo se relacionar com indivíduos de outras crenças com harmonia.

Como exemplo, podemos observar o quadro abaixo que apresenta o Conteúdo Básico Comum do Ensino religioso do Currículo Básico Escola Estadual do Espírito Santo, o qual serve como subsídio para os municípios e foi construído a partir de currículos de outros estados brasileiros:

Eixos	Competências	Habilidades	Tópicos/conteúdos
Culturas e Tradições	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o Transcendente na visão tradicional e na visão atual. • Compreender a evolução da estrutura religiosa nas organizações humanas no decorrer dos tempos. • Entender a função política das ideologias religiosas. • Compreender as determinações da tradição religiosa na construção mental do inconsciente pessoal e coletivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar na convivência humana a ideia do transcendente. • Reconhecer que a ideia do transcendente é construída de várias maneiras. • Conhecer e respeitar as manifestações do transcendente nas diversas tradições religiosas. • Relacionar nas manifestações religiosas às ideias do transcendente. • Estabelecer relação entre as representações do transcendente com a 	<ul style="list-style-type: none"> • Filosofia da Tradição Religiosa. • A ideia do transcendente na vida pessoal, familiar e na sociedade. • Origem histórica das tradições religiosas, filosóficas e místicas. • Estrutura hierárquica das religiões. • As questões de gênero nas religiões. • Diálogo inter-religioso e a cultura da paz.

⁶⁸ BRASIL. 2009. p. 103.

		<p>diversidade religiosa da comunidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar as diferentes tradições analisando-as como fato ou fenômeno produzido pelas sociedades humanas. 	
Teologias	<ul style="list-style-type: none"> • Entender a descrição das representações do transcendente nas tradições religiosas. • Compreender as possíveis respostas norteadoras do sentido da vida: ressurreição, reencarnação, ancestralidade, nada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer nas práticas religiosas as representações do transcendente. • Perceber a transcendência presente no ser humano e no meio ambiente. • Inferir acerca da capacidade humana de comunicação com o transcendente, mediante a linguagem das palavras e gestos. • Reconhecer como as verdades de fé podem contribuir para o crescimento da identidade humana e da vida cidadã. 	<ul style="list-style-type: none"> • Crença na vida além-morte. - A valorização da vida nas religiões e filosofias de vida. - A crença na ancestralidade, reencarnação, ressurreição e nada. - A busca do sentido de vida nas tradições religiosas e místicas. • Sentido da vida. • Diferentes formas de cuidado com a vida.
Textos Sagrados e Tradições orais	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os acontecimentos religiosos que originaram os mitos e segredos sagrados e a formação dos textos. • Entender a descrição do contexto socio-político-religioso determinante para a redação final dos textos sagrados. • Entender que os textos sagrados necessitam de uma análise e interpretação atualizada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer que os textos sagrados são fontes orais e escritas de revelação e comunicação com o transcendente. • Perceber nas narrativas sagradas os princípios éticos que promovem a vida. • Conhecer os textos sagrados, percebendo-os como referenciais de ensinamentos sobre a fé e a prática das tradições religiosas. • Reconhecer a importância das tradições orais e escritas. • Respeitar o mistério presente nos textos e tradições sagradas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Textos sagrados e tradições orais e escritos presente nas tradições religiosas. • Acontecimentos religiosos importantes na história dos povos e que se tornaram tradições. • Acontecimentos religiosos influenciam a vida das pessoas. • Histórias da criação do mundo e do homem, segundo algumas tradições religiosas.
Ritos	<p>Entender os métodos utilizados pelas diferentes tradições religiosas no relacionamento com o transcendente, consigo mesmo, com os outros e com o mundo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer os símbolos religiosos como representações que facilitam o diálogo com o transcendente. • Identificar, nas simbologias, a ideia do transcendente. 	<ul style="list-style-type: none"> • O significado dos ritos e símbolos das tradições religiosas. • Rituais mais importantes e ou significativos das tradições religiosas. • Símbolos que

	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender que os espaços sagrados se constituem como locais de expressão das tradições religiosas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar as representações do transcendente através de rituais e símbolos. • Identificar símbolos religiosos, ritos, rituais e espiritualidades, reconhecendo sua importância na expressão do sagrado. • Identificar espaços sagrados analisando sua função e simbologia. 	<p>identificam as tradições religiosas, filosóficas e místicas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ritos e rituais – os gestos sagrados. • Espiritualidade – a relação com o sagrado. • Origem e função dos espaços sagrados. • Simbologia da arquitetura religiosa. • Lugares de peregrinação.
Ethos	<ul style="list-style-type: none"> • Entender os aspectos do ethos de algumas religiões e filosofias de vida, reconhecendo o outro nas suas diferenças, demonstrando atitudes de respeito. • Compreender sua identidade religiosa na construção da reciprocidade com o outro. • Compreender os princípios éticos norteadores da vida. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar as exigências e qualidades éticas do comportamento humano na perspectiva das tradições religiosas. • Valorizar e empregar o diálogo como forma de esclarecer conflitos e tomar decisões coletivas. • Vivenciar os valores que promovem a coexistência pacífica. • Comportar-se adequadamente ao enfrentar situações complexas. • Participar individual e coletivamente das ações solidárias a serviço da vida. • Despertar-se para a busca/vivência dos valores da cidadania em diferentes contextos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Limites éticos. - Princípios norteadores do comportamento ético individual. - Conceito de liberdade. - Princípios éticos de algumas tradições religiosas. - Unidade, fé, e vida: coerência e autenticidade entre o que se acredita e o que se vive. - Consequências de suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza. • A convivência da diversidade religiosa. • Regra áurea segundo algumas religiões e filosofias de vida.

QUADRO 1- CONTEÚDO BÁSICO COMUM-ENSINO RELIGIOSO- 5ªa 8ª série do Ensino Fundamental
 FONTE: BRASIL.⁶⁹

Ao especificar as divisões e subdivisões do Currículo apresentado anteriormente notamos que o mesmo está dividido em eixos, que por sua vez, está repartido em competências, habilidades e conteúdos. Vale ressaltar, que os eixos presentes no Currículo do Ensino Religioso: Culturas e Tradições Religiosas, Teologia, Textos Sagrados e Tradições Orais, Ritos e Ethos que

⁶⁹ BRASIL. 2009, p, 104-106.

direcionam a aprendizagem dos educandos foram baseados no Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso visando à riqueza e a complexidade presente no campo religioso:

Hoje, o fenômeno religioso é a busca do Ser frente á ameaça do Não Ser. Basicamente a humanidade ensaiou quatro respostas possíveis como norteadores do sentido da vida além da morte: a ressurreição, a reencarnação, o Ancestral e o Nada. Cada uma dessas respostas organiza-se num sistema de pensamento próprio, obedecendo uma estrutura comum. E é desta estrutura comum que são retirados os critérios para organização e seleção dos conteúdos e objetivos do Ensino religioso. Assim, na pluralidade da Escola Brasileira esses critérios para os blocos de conteúdos são: Culturas e Tradições Religiosas, Escrituras Sagradas, Teologia, Ritos e Ethos.⁷⁰

Diante disso, o eixo: Culturas e Tradições religiosas desenvolve os temas decorrentes da relação entre cultura e tradição religiosa, já o eixo: Teologia analisa as múltiplas concepções do transcendente, por sua vez o eixo: Textos Sagrados aprofunda o significado da palavra sagrada no tempo e no espaço, com destaque para a autoridade do discurso religioso fundamentado na experiência mística do emissor que transmite como verdadeiro o transcendente para o povo, o eixo: Ritos busca entendimento das práticas celebrativas e por fim o eixo Ethos analisa a vivência crítica e utópica da ética humana a partir das tradições religiosas.

Com o desenvolvimento dos eixos destacados o currículo tende a despertar nos alunos as competências e habilidades ressaltadas através de um tratamento didático que sensibilize para o mistério ao capacitar para a leitura da linguagem mítico-simbólica e passagem do psicossocial para o transcendente, onde deve ser considerado o conhecimento cultural que o educando já possui e a pluralidade religiosa, já que cada estudante em sua maioria possui sua religião o que não o impossibilita de aprofundar seu conhecimento com relação a outras religiões.

A disciplina de Ensino Religioso, dotada de objetivos que visam à formação integral do cidadão, inclusive envolvendo o “mistério” que possui a religião e o

⁷⁰ BRASIL. 2009.p. 49-50.

respeito à diversidade fruto da cultura, pode ser considerada recente no meio educacional, mas como constatamos nas informações anteriores tem passado por um processo de análise e planejamento configurando na organização constante no Currículo da Educação Básica para o Ensino Religioso, o que nos remete a concluir que tal disciplina ainda não esta sendo desenvolvida da forma adequada, apesar de já ter evoluído muito.

Em se tratando do desenvolvimento da disciplina, temos que destacar o papel do educador, que de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais deve apresentar-se da seguinte forma:

Desse profissional espera-se que esteja disponível para o diálogo e seja capaz de articulá-lo a partir de questões suscitadas no processo de aprendizagem do educando. Cabe a este educador escutar, facilitar o diálogo ser o interlocutor entre Escola e Comunidade e mediar conflitos. O educador é alguém que naturalmente vive a reverência da alteridade e leva em consideração que família e comunidade religiosa são espaços privilegiados para vivência religiosa e para opção de fé. Assim, o educador coloca seu conhecimento e sua experiência pessoal a serviço da liberdade do educando.⁷¹

Porém, cabe salientar, que para o alcance de resultados satisfatórios o profissional da disciplina de Ensino Religioso precisa ter a responsabilidade de propiciar a articulação do conhecimento para o educando, ou seja, o professor tenha princípios éticos ao tratar as religiões de forma imparcial mesmo que tenha sua escolha individual. Além de buscar estratégias de ensino para que ao mesmo tempo em que o conhecimento seja efetivado, as escolhas e conhecimentos prévios dos alunos sejam respeitados, ressaltando o pluralismo e a diversidade religiosa, conforme nos apresenta as afirmações a seguir, apresentadas no Referencial Curricular para a Proposta Pedagógica da Escola voltado para o Ensino religioso:

Desse profissional espera-se que esteja disponível para o diálogo e seja capaz de articulá-lo a partir de questões suscitadas no processo de aprendizagem do educando. Cabe a esse educador escutar, facilitar o diálogo, ser o interlocutor entre Escola e Comunidade e mediar os conflitos.

⁷¹ BRASIL. 2009. p. 43.

O educador é alguém que naturalmente vive a reverência da alteridade e leva em consideração que família e comunidade religiosa são espaços privilegiados para a vivência religiosa e para a opção de fé. Assim, o educador coloca seu conhecimento e sua experiência pessoal a serviço da liberdade do educando⁷²

Para que o currículo apresentado para o Ensino Religioso cumpra sua função é necessário que o educador possua um conhecimento amplo das religiões e respeito por todas as crenças, assim necessita saber o que é religião e religiosidade, para propiciar aos alunos conhecimentos que o levem a compreender sua existência e pedagogicamente esse profissional tem que ser preparado em todos os aspectos, ou seja, para que ele conheça ou saiba trabalhar as faixas etárias da criança e do adolescente e avaliar o educando como ele pensa e age direcionando cada vez melhor seu trabalho.

Além disso, no quadro apresentado notamos que a mesma seleção de eixos, competências, habilidades e conteúdos são apresentados para todas as séries finais do Ensino Fundamental, ou seja, o mesmo que será exposto para um aluno da 5ª Série ele analisará novamente na 6ª, 7ª e 8ª Séries do Ensino Fundamental o que tende a tornar a disciplina cansativa e conseqüentemente ocasionar a desmotivação do educando, já que pra esse público o desenvolvimento desta disciplina é optativa.

3.2. O currículo do Ensino Religioso e sua relação com a etnomatemática e a cultura

Durante a História do Brasil notamos que o mesmo foi formado por muitos povos assumindo uma múltipla história cultural em contrapartida durante a História da Matemática entendemos que a mesma surgiu para suprir as necessidades dos povos, com isso a matemática passou a fazer parte da cultura e vice versa auxiliando na construção da História da cidadania. De

⁷² FONAPER. Ensino Religioso. Referencial Curricular para a Proposta Pedagógica da Escola. 2000. Caderno Temático Número 1.p. 28.

acordo com D'Ambrosio: "O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comprando, classificando, quantificando, medindo, (...)".⁷³

Diante da responsabilidade de adotar a cultura plural surgiu a Etnomatemática considerada como um enfoque histórico-cultural da matéria, onde a Matemática necessita ser incluída não exclusivamente como uma constituição social, mas ainda como uma construção histórica e política. Segundo HANZE, a etnomatemática significa:

A etnomatemática enaltece a matemática dos distintos grupos culturais e recomenda uma ênfase maior dos conceitos matemáticos informais desenvolvidos pelos educandos através de seus conhecimentos, fora da conjuntura escolar na vivência do seu cotidiano. Os povos com suas diferentes culturas, têm múltiplas maneiras de trabalhar com o conceito matemático. Todos os diferentes grupos sociais produzem conhecimentos matemáticos. A Etnomatemática valoriza estas diferenças e afirma que toda a construção do conhecimento matemático é válida e está intimamente vinculada à tradição, à sociedade e à cultura de cada povo. Devemos lembrar que, a matemática apareceu para suprir as necessidades básicas do homem, através da construção de materiais de pedra, de osso, de barro, de metal, e esse material era utilizado em moradias, vasilhames, utensílios, etc.⁷⁴

Desta forma, a Etnomatemática contribui para o desenvolvimento dos sujeitos em seus contextos culturais partindo da apreensão da cultura, onde o indivíduo é aprendiz e vivencia as situações e consegue identificar na ética a aprendizagem a ser modelada por meio da matemática na sala de aula.

Analisando a História da Religião observamos a presença da matemática nos ritos sagrados através da contagem ou através da geometria que pode ser considerada como a manipulação das medidas, destacando traços da Geometria Sagrada na religião:

O uso de formas geométricas é bastante conhecido na magia ritual, tanto para a evocação de espíritos e poderes quanto para a proteção do mágico contra suas cortesias malévolas. Cada espírito tem tradicionalmente um sigilo ou padrão geométrico associado ao seu

⁷³ D'AMBROSIO, Ubiratran. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2002. (Coleção Tendências em Educação Matemática). p. 22.

⁷⁴ HANZE, Amélia. Etnomatemática, abordagem histórico-cultural da matemática. 2014. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/etnomatematica.htm>. Acesso em: 17 de jun. 2014.

nome, por meio do qual, com conjuras e rituais apropriados, ele pode ser contactado. Muitos desses sigilos são expressões geométricas dos nomes e são produzidos pelo traçado de números equivalentes às letras sobre quadrados mágicos.)⁷⁵

Na Idade Antiga, magia, religião e ciência eram inseparáveis, além de ser considerada como uma forma de comunicação do plano divino com o humano e continuou ao longo da história humana a base das estruturas sagradas chegando a ser considerada como um padrão metafísico que determina o padrão físico, ou seja, uma realidade que parte do interior para explicar o exterior o que explica a construção de um prédio de modo a ficar intacto através da simetria e harmonia. Conforme explica PENNICK:

Assim, a geometria sagrada diz respeito não só às Proporções das figuras geométricas obtidas segundo a maneira clássica com o uso da régua e compassos, mas também às relações harmônicas das partes de um ser humano com um outro; à estrutura das plantas e dos animais; às formas dos cristais e dos objetos naturais - a tudo aquilo que for manifestações do universal.⁷⁶

A geometria tem o objetivo de reintegrar à humanidade através do cósmico e aplicação universal dos princípios idênticos da geometria sagrada (suas formas) em lugares separados no tempo, no espaço e por crenças diferentes atesta a sua natureza transcendental. E durante a história observamos a aplicação da Geometria nos templos pagãos do Sol, nos relicários de Ísis, nos tabernáculos de Jeová, nos santuários de Marduk, nos santuários erigidos em honra dos santos cristãos, nas mesquitas islâmicas e nos mausoléus reais e sagrados.

Ao observar o currículo de Ensino Religioso, entendemos que um dos seus eixos: Tradição e cultura têm como conteúdos: a Filosofia da Tradição Religiosa, a ideia do transcendente na vida pessoal, familiar e na sociedade, Origem histórica das tradições religiosas, filosóficas e místicas e Diálogo inter-

⁷⁵ PENNICK, Nigel. GEOMETRIA SAGRADA SIMBOLISMO E INTENÇÃO NAS ESTRUTURAS RELIGIOSAS. São Paulo, 1980. Disponível em: http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/Biblioteca/2028_Geometria%20Sagrada%20-%20Nigel%20Pennick.pdf. Acesso em: 16 de jun. de 2014.p. 12.

⁷⁶ PENNICK.1980. p. 05.

religioso e a cultura da paz, os quais diretamente estão relacionados com a etnomatemática que nada mais é do que a inserção curricular da resolução de problemas culturais e sociais por meio de conceitos matemáticos, conforme propõe D'Ambósio, a seguir:

Indivíduos e povos têm, ao longo de suas existências e ao longo da história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, de observação, instrumentos teóricos e, associados a esses, técnicas, habilidades (teorias, techné, ticas) para explicar, entender, conhecer, aprender (matema), para saber e fazer como resposta a necessidades de sobrevivência e de transcendência, em ambientes naturais, sociais, e culturais (etnos) os mais diversos. Daí chamarmos o exposto acima de programa etnomatemática.⁷⁷

Assim, através deste programa seja possível resgatar, estimar e problematizar os conhecimentos práticos de todos os grupos sociais por meio de sua cultura e colaborar para tornar os cidadãos mais críticos em relação à sociedade na qual vivem, em relação às explorações e injustiças às quais estão submetidos muitos grupos sociais e em relação às suas próprias condições de vida.

Ao observar os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), encontramos em diversos momentos do texto a relação entre conhecimento escolar e cotidiano manifestando-se como uma ideia estrutural e fundamental dessa proposta e caracterizado como etnomatemática pelo resgate da Pluralidade Cultural, como segue:

(...) Ainda com relação às conexões entre Matemática e Pluralidade Cultural, destaca-se no campo da educação matemática brasileira, um trabalho que busca explicar, entender e conviver com procedimentos, técnicas e habilidades matemáticas desenvolvidas no em torno sociocultural próprio a certos grupos sociais. Trata-se do Programa Etnomatemática, com suas propostas para a ação pedagógica. Tal programa não considera a Matemática como uma ciência neutra e contrapõe-se às orientações que a afastam dos aspectos socioculturais e políticos – fato que tem mantido essa área do saber atrelada apenas a sua própria dinâmica interna. Por outro lado, procura entender os processos de pensamento, os modos de explicar, de entender e de atuar na realidade, dentro do contexto cultural do próprio indivíduo. A Etnomatemática procura entender a

⁷⁷ D'AMBROSIO. 1997.p. 77.

realidade e chegar à ação pedagógica de maneira natural mediante um enfoque cognitivo com forte fundamentação cultural..⁷⁸

Desta forma, a relação entre o Ensino Religioso, a Etnomatemática e a cultura pode facilitar a aprendizagem do educando, já que o Ensino Religioso tende a propiciar o conhecimento voltado ao princípio do saber em relação a si, ou seja, o saber de si, sendo necessário o trabalho das dimensões ainda não alcançadas, através de uma visão pluricultural. Em outro aspecto a relação se aprofunda ainda mais quando entendemos que o ER é um espaço privilegiado para a aplicação de uma prática religiosa ao estudar o fenômeno religioso a partir da compreensão histórica-antropológica.

Para estudar cultura precisamos levar em conta os costumes, hábitos e formas de lidar com a natureza e o social e para um estudo das religiões como cultura, ou seja, como apresentado no Eixo: Tradição e Cultura do Currículo analisado um dos agravantes passa pelos conhecimentos matemáticos, pois os conteúdos e conhecimentos estão diretamente ligados, e se contrapondo ao longo da história, ou mesmo para se atestar os mitos e evidências religiosas que nos foi deixado ao longo da história, fazendo assim uma busca pela compreensão de como acontecia as relações sociais, diante dos poderes confederados a sistema religioso.

Existe ainda outro ponto, que o Currículo do Ensino Religioso se relaciona com a etnomatemática é no eixo: Ritos onde os conteúdos previstos são os seguintes: Rituais mais importantes e ou significativos das tradições religiosas; Símbolos que identificam as tradições religiosas, filosóficas e místicas; Ritos e rituais – os gestos sagrados; Espiritualidade – a relação com o sagrado; Origem e função dos espaços sagrados; Simbologia da arquitetura religiosa e Lugares de peregrinação.

⁷⁸ BRASIL. 1998. p.33.

Desta feita, para compreender a relação dos ritos para o pensamento religioso e a influência da etnomatemática através da simbologia, números e formas, devem-se observar as afirmações de GEERTZ sobre religião:

Portanto, sem mais cerimônias, uma religião é:
(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existências geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.⁷⁹

Esta concepção demonstra que as propriedades do sistema religioso amparam as concepções do homem e da realidade com tal afirmação e fatalidade, devido aos fatores de transmissão cultural, que não deixam aos grupos humanos a opção, senão acreditar e explica porque os mitos e símbolos são tão presentes nas sociedades antigas, auxiliando na formação das condutas culturais até mesmo da atualidade, como o fanatismo que pode ser entendido como o sentido de realidade conclusiva provocado pela crença e que torna grupos inteiros a acreditar que seus conceitos religiosos são a única realidade possível.

A perspectiva religiosa repousa justamente nesse sentido do verdadeiramente real e as atividades simbólicas da religião como sistema cultural se devotam a produzi-lo, intensificá-lo e, tanto quanto possível, toma-lo inviolável pelas revelações discordantes da experiência secular. Mais uma vez, a essência da ação religiosa constitui, de um ponto de vista analítico, imbuir um certo complexo específico de símbolos — da metafísica que formulam e do estilo de vida que recomendam — de uma, autoridade persuasiva.⁸⁰

Partindo do contexto, ao compreender a disciplina de Ensino Religioso poderíamos iniciar pela consideração prática de que o ser humano real se exprime sempre através de gestos, símbolos e palavras carregadas de significados e nesse processo busca a transcendência em prol de uma experiência religiosa na vivência em comunidade pelas Tradições Religiosas o que podemos conceituar como fenômeno religioso. Conforme também propõe

⁷⁹ GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, RJ: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989. p. 67.

⁸⁰ GEERTZ. 1989. p. 82.

Roberto da Matta em seu livro: Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro:

Assim, é muito provável que as imensas possibilidades de se terem ritos estejam relacionadas a um problema mais difícil e mais profundo, o simples fato de toda a vida social ser de fato um “rito” ou “ritualizado”. Sendo o mundo social fundado em convenções e símbolos, todas as ações sociais são realmente atos rituais ou atos possíveis de uma ritualização.)⁸¹

Ao procurar o sentido da vida humana, entendemos que a mesma não se organiza sem os ritos e nas relações do grupo, os ritos são sempre o procedimento do reconhecimento de valores e símbolos, que são transmitidos de geração em geração o que nos leva a concluir que os ritos exprimem o ritmo da vida social, da qual são decorrentes.

Então, os conteúdos analisados no eixo: Ritos estão diretamente relacionados com a etnomatemática que encontra na cultura uma explicação e traz a matemática nos símbolos que são as características de cada religião, nos rituais ou gestos sagrados que possuem traços da geometria ou dos números (contagem), nas danças que repercutem em passos ou rituais que trazem a contagem como forma de organização e ritmo, como também nos espaços sagrados que possuem uma arquitetura transcendental marcada por formas e desenhos geométricos.

3.3. Aspectos da relação entre cultura brasileira e religião

A cultura pode ser explicada como as vivências concretas dos sujeitos de uma determinada cultura e por meio dela através de suas regras, valores e significações que permitem a interação dos indivíduos e dos grupos e a sua adaptação ao meio e a si mesmo, porém cada cultura tem a sua forma de inventar o mundo que pode ser construído de forma individual ao longo do

⁸¹ DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.p. 72.

processo histórico e social. O que esclarece ser o homem, o resultado do meio cultural em que foi socializado, ao demonstrar o conhecimento e as experiências adquiridas pelas gerações que o precederam. E nessa transição o indivíduo vai mudando e inovando seu patrimônio cultural. De acordo com Hall:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.⁸²:

Nessa acepção, as diversidades de cada cultura são explicadas pela história cultural de cada grupo e para entender, a cultura deve ser analisada dentro dela mesma. E para isso não se pode comparar a cultura, pois a comparação tende a repercutir no preconceito e discriminação cultural, já que a mesma tem a capacidade de direcionar no sujeito, seu modo de vida, de ser, suas práticas e comportamentos por se tratar de sua identidade.

As religiões fazem parte da cultura humana refletindo suas formas de agir ao expressar diferentes linguagens, formas de crer, de celebrar, de rezar, e de relacionar-se com alteridade e símbolos diversos, ou seja, os fenômenos religiosos que são vivenciados pelos membros de cada cultura ou religião. Dentro desse contexto, na sociedade brasileira, estão presentes inúmeras religiões, fruto da diversidade cultural presente no Brasil, que precisam ser apreciadas e respeitadas dentro das suas diferenças.

⁸² HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, n° 2, jul./dez. 1997, p. 18.

De acordo com Roberto DaMatta em seu livro: O que faz o Brasil, Brasil? Temos uma ideia de como a sociedade brasileira pode ser entendida, conforme o conceito a seguir:

Ao longo deste pequeno ensaio, demonstramos que a sociedade brasileira não poderia ser entendida de modo unitário, na base de uma só causa ou de um só princípio social. Ao contrário, dos domínios que tomamos para estudo e investigação, todos se revelaram como que possuídos por uma lógica comum. Uma lógica que chamei de relacional e que na política aparece com o nome de negociação e conciliação. Que no mundo econômico surge na curiosa combinação de uma economia altamente estatizada com uma iniciativa privada vigorosa e ainda importante. Que na religião aparece com a intrigante mistura de catolicismo com religiões afro-populares. E que na cosmologia em geral – e aqui estou pensando na literatura popular e erudita do Brasil – aparece sob uma certa ânsia de criar personagens intermediários, gente que pode permitir a conciliação de tudo o que a sociedade mantém irremediavelmente dividido por um movimento inconsciente.⁸³

Ao considerar o tamanho da diversidade presente no Brasil, entendemos que sua história só pode ser entendida ao relacionar-se a sociedade, o indivíduo, a família e sua classe social e também a religião. Durante a evolução da história do Brasil notamos que a sociedade insiste em entender o Brasil, apenas pela sua linguagem, ou seja, definir que a cultura tem características portuguesas/europeias, por ter sido eles que “Descobriram o Brasil”, porém nossa sociedade e cultura são fruto da relação estabelecida entre indígenas, negros e europeus.

Os Processos Civilizatórios aconteceram em paralelo a revolução tecnológica que era reflexão da ação humana sobre a natureza por meio de equipamentos primeiramente arcaicos e que foram evoluindo de acordo com a necessidade do homem, sendo assim, Darcy Ribeiro em seu Livro: O Processo Civilizatório apresenta um a relação que aparece em parte no quadro abaixo:

REVOLUÇÕES TECNOLÓGICAS	PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS GERAIS
I- Revolução Agrícola	1º Revolução Agrícola

⁸³ DAMATTA, Roberto. O que faz do Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.p. 80.

	2º Revolução Pastoril
II- Revolução Urbana	3º Revolução Urbana 4º Revolução Escravista 5º Segunda Expansão Pastoril
III- Revolução do Regadio	6º Revolução do Regadio
IV- Revolução Metalúrgica	7º Revolução Metalúrgica
V- Revolução do Pastoril	8º Revolução Pastoril
VI- Revolução Mercantil	9ª Revolução Mercantil 10º Revolução Capitalista
VII- Revolução Industrial	11º Revolução Industrial 12º Expansão Socialista
VIII- Revolução Termonuclear	13º Revolução Termonuclear

QUADRO 2- SEQUÊNCIAS BÁSICAS DA EVOLUÇÃO SÓCIO-CULTURAL EM TERMOS DE REVOLUÇÕES TECNOLÓGICAS DE PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS E DE FORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAL
FONTE: RIBEIRO ⁸⁴

Diante disso, notamos que o Brasil passou por várias revoluções que culminaram em Processos Civilizatórios diferenciados e que repercutiram na evolução sociocultural, por meio de movimentos evolutivos que compunham novas formações socioculturais, onde cada civilização criava sua existência histórica, a qual em muito dos casos progredia ou regredia culminando na difusão ou aculturação, onde o primeiro representa a transferência de cultura de um processo civilizatório para o outro e o segundo, por sua vez, representa a transferência de culturas evoluídas que acabam sufocando a cultura mais atrasada. Segundo RIBEIRO: “A evolução sociocultural, concebida como uma sucessão de processos civilizatórios gerais tem um caráter progressivo que se

⁸⁴ RIBEIRO, Darcy. O Processo Civilizatório. Etapas da evolução sócio-cultural. 6ªed. Petrópolis: Vozes. 1981. P. 50.

evidencia no movimento que conduziu o homem da condição tribal às macros sociedades nacionais modernas.”⁸⁵

Ao entender as fases dos Processos Civilizatórios, notamos que a integração dos conceitos culturais de uma sociedade é consequência dos vários processos civilizatórios, a partir do momento que a cultura é massacrada ou apenas adequada a novas características adquiridas em um processo moderno, além de permitir fixar uma tipologia das revoluções tecnológicas e sua influência na formação sociocultural, num passado remoto ou nas sociedades contemporâneas que com tais mudanças se tornaram atrasadas ou progredidas.

A composição do povo brasileiro começou com os índios que viviam no país, com a chegada dos portugueses, ocorreu uma aculturação, ou seja, a cultura portuguesa pela sua complexidade, sobrepôs a cultura indígena que era ancestral, fazendo com que os índios fossem obrigados a inserir se nos costumes e valores trazidos pela sociedade que tomava conta do país, podemos observar isso claramente na Religião, onde os índios foram catequizados pelos jesuítas ao mesmo tempo em que eram alfabetizados.

Logo depois, com o aumento do trabalho na construção de uma nova sociedade brasileira, desembarcaram no Brasil vários negros com o objetivo de oferecer obrigatoriamente mão de obra gratuita, devido a escravidão, tais trabalhadores trouxeram consigo mais uma cultura diferente das que predominavam no país.

Com o passar do tempo, outros estrangeiros viram no Brasil uma ótima oportunidade de encontrar sua sobrevivência como: alemães, asiáticos, italianos, espanhóis e etc. Nesse contexto, com um país formado por várias culturas, ocorreu gradativamente a miscigenação, despontando numa cultura paralela, ou seja, a cultura brasileira.

⁸⁵ RIBEIRO, 1981.p. 50.

Por sua vez, a Religião também acompanhou essa evolução social brasileira e de acordo com HOLANDA em seu livro: Raízes do Brasil, a seguir, trouxe para a civilização o “homem cordial”:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição para a civilização será de cordialidade-daremos ao mundo o “homem cordial”. A Lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal.⁸⁶

As características citadas acima tornam o brasileiro tão íntimo da simbologia religiosa, permitindo em um exemplo simples da manifestação religiosa, a católica que retrata os santos com a maior intimidade e proximidade, de uma forma até desrespeitosa, tanto que em todas as fazendas dos senhores de engenho havia uma capela para demonstrar que seus deuses faziam parte da família e da vida doméstica, segundo HOLANDA:

No Brasil, ao contrário, foi justamente o nosso culto sem obrigações e se rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, “democrático”, u culto que dispensava no fiel esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu, pela base, o nosso sentimento religioso.⁸⁷

Diante da diversidade cultural brasileira apresentada, e considerando que a miscigenação fruto do choque de culturas formaram o Brasil, após sua descoberta, o transformou numa sociedade brasileira paralela, Darcy Ribeiro em seu livro: O povo brasileiro- A formação e o sentido do Brasil, propõe que dentro do território brasileiro existem vários Brasis, como podemos observar a seguir:

É aí, dentro das linhas de crenças co-participação, de vontades coletivas abruptamente erigidas, que as coisas se dão. Essa é a razão por que, em lugar de um quadro geral da história brasileira, compus esses cenários regionais.

⁸⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de, Raízes do Brasil. 15º ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.p. 106-107.

⁸⁷ HOLANDA. 1982.p.110-111.

Uma copiosa documentação histórica mostra que, poucas décadas depois da invasão, já se havia formado no Brasil uma protocélula étnica neobrasileira diferenciada tanto da portuguesa como da indígena. Essa etnia embrionária, multiplicada e difundida em vários núcleos-primeiro ao longo da costa atlântica, depois trasladando-se para os sertões interiores ou subindo pelos afluentes dos grandes rios-, é que iria modelar a vida social e cultural das ilhas do Brasil.⁸⁸

Entretanto, cada Brasil definido pelo autor é caracterizado pelas suas singularidades pelo ajustamento às condições locais: ecológicas e tipos de produção, mas como núcleos aglutinadores trazidos da África, Portugal e de outras partes do mundo, propiciando a continuação do processo de gestão étnica transformando o Brasil em uma só unidade sociocultural.

Para facilitar a compreensão das divisões culturais do Brasil apresentamos o quadro abaixo:

SUBDIVISÃO SOCIOCULTURAL DO BRASIL	CARACTERÍSTICAS GERAIS
BRASIL CRIOULO	<ul style="list-style-type: none"> • Seu nascimento é fruto da economia do açúcar • A forma de existência, a organização da família, a estrutura do poder não eram criações históricas fruto da velha tradição, mas resultante da necessidade de eficácia do empreendimento. • Sua população nascia da interação entre: índios, brancos e negros. • Geograficamente aparece na faixa litorânea do Nordeste Brasileiro (Rio Grande do Norte e Bahia) • A religião sofria influência dos cultos aos deuses indígenas, catolicismo e candomblé.
BRASIL CABOCLO	<ul style="list-style-type: none"> • Seu nascimento é fruto da ocupação do Rio Amazonas pelos portugueses expulsando os franceses, holandeses e ingleses através do Tratado de Tordesilhas. • Sua população era formada por índios e brancos portugueses, porém como não

⁸⁸ RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.p.269-270.

	<p>havia mulheres na população portuguesa, os brancos cruzavam com a índias formando um novo tipo racial: o caboclo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os índios eram escravizados e lutavam contra essa situação. • A religião se mostrava folclórica e pouco ortodoxa, que resultou numa crença popular de colcha de retalhos, fundada no sincretismo de pajelança indígena com um vago culto de santos e datas do calendário religioso católico. • Geograficamente aparece na região do Amazonas.
BRASIL SERTANEJO	<ul style="list-style-type: none"> • Sua população possui uma subcultura própria a, a sertaneja, marcada por sua especialização no pastoreio, dispersão especial, características do modo de vida, organização da família, estruturação do poder, vestimenta típica, dieta, culinária, visão de mundo e religião. • Geograficamente esta presente na faixa nordestina de terra começando pela orla do agreste e prosseguem nas enormes extensões semi-áridas das caatingas. • A religião é marcada por traços de messianismo.
BRASIL CAIPIRA	<ul style="list-style-type: none"> • Seu nascimento é fruto da vida pobre que vivia a população paulista sem engenhos de açúcar. • Sua população era formada pelo cruzamento de gente de matrizes raciais diferentes que repercutem numa nova forma de cultura • Tão grande a pobreza a sociedade era a mais igualitária possível • Sua economia era voltada para o sustento e não para o comércio como: o extrativismo (exploração de ouro) e depois com o café. • Geograficamente se instalavam em São Paulo. • A Religião era formada por várias manifestações religiosas fruto de tantas culturas misturadas.
BRASIL SUINOS	<ul style="list-style-type: none"> • Seu nascimento foi através do trabalho como lavrador em fazendas gaúchas em sistema de parceria. • Sua população era formada por lusitanos com o objetivo de justificar a

	<p>apropriação da área em fase do governo espanhol</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sua contribuição a cultura neobrasileira foi decisivo no aportuguesamento linguístico. • Geograficamente estava presente no Rio Grande do Sul • A Religião predominante era o catolicismo
--	--

QUADRO 3- SUBDIVISÃO DO BRASIL EM BRASIS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS APRESENTADO POR DARCY RIBEIRO

FONTE: RIBEIRO ⁸⁹

O povo brasileiro é formado a partir da miscigenação de vários povos, ao destacar que suas características foram feitas e continuam se fazendo, dentre as mudanças apresentadas no quadro, demonstrando que a cultura é mutável trazendo consigo valores, características, moralidade que contribuem para o aspecto religioso, ou melhor, a diversidade religiosa, advinda dessa reelaboração cultural que tende a sua maneira questionar sobre o sentido da vida e a transcendência em encontrar questionamentos como: De onde eu vim? Pra que vim? E para onde vou? Porém, para responder esses questionamentos de cada sociedade e cultura, a religião assume diferentes formas de acreditar, celebrar, rezar e com o sagrado.

3.3.1. Religião, cultura e música brasileira como metodologia de ensino na disciplina de Ensino Religioso

A música, entendida pode ser uma linguagem artística, organizada e fundamentada, é uma prática social, pois nela estão implantados valores e significados atribuídos aos indivíduos e a sociedade que a constrói e dela se ocupam.

⁸⁹ QUADRO BASEADO NO LIVRO DE DARCY RIBEIRO: O POVO BRASILEIRO: A FORMAÇÃO E O SENTIDO DO BRASIL.1995, p. 269-444.

Além disso, pode ser analisada como uma linguagem comum a todos os seres humanos e adota diversos papéis na sociedade, como função de prazer estético, expressão musical, diversão, socialização e comunicação.

A música enquanto fonte histórica pode prover uma série de formações novas ou mesmo reinterpretações de fatos, possibilitando uma compreensão mais abrangente dessa rede de significados múltiplos, própria da cultura. A música não reflete a história. Ela atua com a história e sobre a história.⁹⁰

A expressão musical é diferente em cada sociedade, pois suas características: ritos, letras, som, linguagem padrão e etc são definidos pela cultura predominante capaz de expressar, comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento entre som e o silêncio.

Na Religião, a Música tem a mesma origem ao desencadear sentimentos difíceis de deliberar com palavras, além da competência de provocar experiências que ultrapassam o cotidiano. Para NETTL, uma das funções da música na sociedade é: “(...) controlar o relacionamento da humanidade com o sobrenatural, mediando entre pessoas e outros seres, e dar suporte à integridade de grupos sociais individuais. Faz isso expressando os valores centrais da cultura de forma abstrata”.⁹¹

A capacidade espiritual da música aparece desde os tempos primórdios da história humana até a atualidade, podendo ser demonstrada: pelos xamãs aplicados em seus rituais através do toque de tambores, em sons de flauta em povos modernos ou mesmo entre os povos nativos, onde a música servia para a diversão, mas também para se comunicar com deuses.

No Brasil, a música popular se constrói pela sua pluralidade ao se contrapor com outras músicas em meio a seus sujeitos concretos, por sua vez intercedido por conjuntos históricos, sociais e culturais e para compreendê-la. A discussão

⁹⁰ ASSIS, A. C. et al: *Música e História: desafios da prática interdisciplinar*. In: Budasz, R. (org). *Pesquisa em música no Brasil: métodos, domínios, perspectivas*. Goiânia: ANPPOM, 2009. p. 14.

⁹¹ NETTL, Bruno. *The study of ethnomusicology: twenty-nine issues and concepts*. Urbana, Chicago, London: University of Illinois Press, 1983. P. 259,

deve ser formada a partir de confrontos, sujeitos e categorias e ao considerar que os elementos citados estão sempre em mudança. O termo "música popular" nunca demonstrará um conjunto imutável de músicas e conseqüentemente características, segundo HALL: "(...) cultura popular não é nem, em um sentido "puro", as tradições populares de resistência...nem são as formas que são impostas sobre e a elas. É o terreno no qual as transformações são operadas".⁹²

Diante disso, a música popular brasileira que expressa diretamente à cultura e a religiosidade, não pode ser definida pela análise de especificações românticas do século XVIII, que demonstrava uma origem rural e de tradição oral, como também autorias coletivas com espontaneidade e autenticidade e nem com características de resistência, fruto da constituição da sociedade brasileira ou mesmo por "manipulação", "imposição" ou "colonialismo cultural", produto da época do coronelismo das fazendas de moinhos de engenho ou café.

Portanto, a busca pela definição da música brasileira pode ser viabilizada por meio do cenário social e histórico que o país passou e tem passado, ou seja, através de suas relações resultado do confronto com músicas que demonstravam as culturas que estiveram presentes na colonização do Brasil, entre elas podemos citar: as indígenas, europeias e quilombolas. E para buscar traços da cultura na musica brasileira, vamos analisar algumas canções brasileiras que fazem parte desse cenário cultural.

O compositor, Paulo de César Pinheiro, em seu Livro: História das minhas canções, comenta a música elaborada por ele e Mauro Duarte e cantada por Clara Nunes: Cantos das Três Raças que enfatiza as três raças fundamentais desse país mestiço: europeia, indígena e negra.

A canção citada foi desenvolvida em forma de samba-enredo, ao mesmo tempo em que, lembra a formação racial do Brasil e especialmente a genética

⁹² HALL, Stuart. Notes on deconstructing "the popular". In: SAMUEL, R. (Ed.). People's history and socialist theory. London: Routledge, 1981. p. 228.

de Paulo César Pinheiro, onde a mãe tinha traços európios e indígenas e seu pai de negros. Além disso, seu objetivo era ressaltar o canto triste, fruto dessa miscigenação brasileira: a saudade do colonizador do país de origem, o sentimento de nostalgia (tristeza e aflição) que os negros da África tinham, por estarem ausentes do seu país e escravizados e o sofrimento de dor, aflição, mágoa ou lástima do índio nativo das terras brasileiras.

A música foi dividida em quatro estrofes, logo na primeira já observamos o sofrimento da primeira raça, com a colonização o Brasil, o índio, que apesar de guerreiro acabou no cativeiro tendo que abrir mão de suas crenças, valores e culturas em prol da cultura portuguesa, conforme trecho abaixo:

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativeiro e de lá cantou

A segunda estrofe, por sua vez destaca o negro escravo, pela demonstração do sentimento de revolta entoadado em seu canto triste e oprimido, por ter que sair de sua terra natal e ser escravizado em terras brasileiras com péssimas condições de vida e servindo como moeda de troca para os brancos, ainda nesta estrofe é mencionada o movimento de resistência do Quilombo dos Palmares que culminaram na libertação dos escravos negros, porém essa luta persiste até hoje, para acabar com o preconceito que sofre essa raça em pleno século XXI. Nesta estrofe ainda surge à raça branca quando mencionada a Inconfidência Mineira, porém ainda oprimida, de acordo com os versos a seguir:

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

Por sua vez, a terceira estrofe demonstra as consequências desse sofrimento para o povo brasileiro que quando pode cantar, canta com dor devido a tantas humilhações, constrangimento, trabalho escravo e preconceito e por fim retrata as várias tentativas de resistência, das três raças, que acabaram por resultar em um lamento único, descrito no Refrão, com repetição, a seguir observamos tais versos:

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

ô, ôô, ôôô..

Finalizando a canção, a quarta estrofe já nos conduz a atualidade, onde sugere que a escravidão persiste num sofrimento ensurdecidor e faz de todos nós trabalhadores (escravos modernos) de uma nova colonização, onde o Capital se usa do trabalhador sem o devido respeito, valorização ou sentimento, como apenas mais um que oferece friamente sua força de trabalho. Segue os versos:

E ecoa noite e dia
É ensurdecidor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas como um soluçar de dor

No ano de 2011, Chico Buarque de Hollanda, lançou em seu disco em parceria com João Bosco a canção “Sinhá” sua letra chama a atenção por remeter à sociedade escravista colonial brasileira e remontar às relações entre senhores de engenho e escravos negros naquele contexto.

Analisando a canção de Chico Buarque, observamos a posição do escravo negro como sujeito que é retirado da África e trazido ao Brasil, forçado a trabalhar e, assim como aconteceu com os índios, catequizado e inferiorizado pela “cultura superior”, que o possui como uma mercadoria, o que podíamos chamar de uma mistura de “aculturação” e “assimilação”, o primeiro, em decorrência do processo de mistura dos elementos de duas culturas que

acabam se fundindo e o segundo, por se tratar de um caso em que a cultura receptora não esta em posição de escolha.

A música: Sinhá é composta por dois narradores: o escravo em primeira pessoa e o narrador em terceira pessoa, a canção demonstra a história de um possível romance entre o negro e a esposa do senhor de engenho, destacando as punições que recebe do branco.

Logo na primeira estrofe o enredo é contado e o negro para se justificar diz que na hora que a sinhá se banhava ele não estava lá e surgia como meio de apelação a religião que queremos destacar, pois o negro agarrava se na religião do catolicismo que havia sido imposta de maneira assimilativa.

E afirma, que se por acaso estivesse no local que a Sinhá estava se banhando não poderia vê-la, pela deficiência na visão causada pelas punições do senhor. Tal narrativa deixa clara a relação entre senhores e escravos, baseada na coação, embutida em castigos e punições e também a maneira com que o Deus presente no catolicismo era chamado de “nosso”, demonstrando que mesmo que os negros tivessem seus deuses a religião dos brancos, já era predominante, a partir da catequização, segue a estrofe analisada:

Se a dona se banhou
Eu não estava lá
Por Deus Nosso Senhor
Eu não olhei Sinhá
Estava lá na roça
Sou de olhar ninguém
Não tenho mais cobiça
Nem enxergo bem

A segunda estrofe relata a argumentação do escravo para não ser colocado no tronco, indagando ao senhor, por que me faz tão mal, demonstrando que sua superioridade racial, já era o bastante, ou seja, mais uma vez observamos a característica daquela época, onde os escravos eram inferiores aos brancos. Encerrando esta estrofe observamos os versos em que novamente a religião se apresenta, quando ele diz: “Me benzo com o sinal da cruz da santa cruz”. Diante disso, mais uma vez notamos os traços de assimilação religiosa,

mesmo não crendo no deus do branco, ele finge que crê, para não ser novamente punido, conforme versos a seguir:

Para que me pôr no tronco
 Para que me aleijar
 Eu juro a vosmecê
 Que nunca vi Sinhá
 Por que me faz tão mal
 Com olhos tão azuis
 Me benzo com o sinal
 Da santa cruz

Por sua vez, na terceira estrofe o escravo tentando convencer o senhor diz que foi no açude olhar outra coisa, não a Sinhá, porém em um dos versos diz: “se a Dona se despiu”, então nos perguntamos como ele sabia que ela se despiu? Se foi olhar outra coisa, já que não enxerga direito, por conta das punições que outrora havia sofrido. Segundo trecho da canção, a seguir:

Eu só cheguei no açude
 Atrás da sabiá
 Olhava o arvoredado
 Eu não olhei Sinhá
 Se a dona se despiu
 Eu já andava além
 Estava na moenda
 Estava para Xerém

Na quarta estrofe da canção, o escravo suplica para que o senhor não corte seu corpo, no verso: “Por que talhar meu corpo”, esse clamor fica claro, como também pede para que não fure seus olhos, conforme demonstrado no verso: “Me tire a luz “ e mais uma vez afirma, que não olhou para Sinhá. A religião nesta estrofe mais uma vez é clara ao demonstrar, como é difícil para ele, deixar sua religião para aceitar a do branco, segundo ele chora em ioruba e ora pra Jesus, observemos:

Por que talhar meu corpo
 Eu não olhei Sinhá
 Para que que vosmencê
 Meus olhos vai furar
 Eu choro em iorubá
 Mas oro por Jesus

Para que que vassuncê
Me tira a luz

Finalizando, a última estrofe passa a ser narrada não mais pelo escravo, mas pelo cantor/autor da canção que se revela como a miscigenação entre o escravo, com traços de pelourinho e a postura do Senhor de Engenho. E no último verso confirma, que realmente o escravo enfeitiçou a Sinhá, por meio de sua mendiga, traços do romance que existia entre eles, segue trecho para apreciação:

E assim vai se encerrar
O conto de um cantor
Com voz do pelourinho
E ares de senhor
Cantor atormentado
Herdeiro sarará
Do nome e do renome
De um feroz senhor de engenho
E das mandingas de um escravo
Que no engenho enfeitiçou Sinhá.

Assim, esta canção demonstra o romance entre o negro escravo e a Sinhá (esposa de um feroz senhor de engenho) e busca remontar o cenário da sociedade brasileira escravista colônia. Através de suas características convida a refletir sobre a história do Brasil e suas consequências para sociedade atual, não só na cultura, mas também na religião.

A próxima canção a ser apresentada e analisada chama se: Fado Tropical escrita por Chico Buarque e fazia parte da peça Caladar em 1973, sendo proibida na época junto com outras músicas. O autor cria na música uma falsidade para revelar um discurso épico e ufanista demonstrando no “Brasil, imenso Portugal” um tempo histórico inclinado, habitado por um ser nacional enviesado. Sua letra foi criada na época da ditadura brasileira e da ditadura salazarista crítica, assumindo assim uma postura ufanista e um discurso do colonizador, que se confunde com a própria natureza brasileira, que nada mais é do que o objeto histórico de ideologia nos discursos de poder, como podemos concluir com a apreciação da primeira estrofe:

Oh, musa do meu fado,
 Oh, minha mãe gentil,
 Te deixo consternado
 No primeiro abril,
 Mas não sê tão ingrata!
 Não esquece quem te amou
 E em tua densa mata
 Se perdeu e se encontrou.
 Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal:
 Ainda vai tornar-se um imenso Portugal!

No segundo trecho da música, abaixo, a confusão é formada na busca pelo questionamento do ser ou não ser, que com a colonização demonstra o sentimentalismo, porém o narrador tem certeza que herdou o sangue lusitano e uma boa dosagem de exatidão aos sentimentos, mas ao mesmo tempo é cínico de assumir que herdou a sífilis também. E em meio a mandos, desmando, mentiras e corrupção o sentimento vem à tona e o coração chora pela consciência do mal que esta fazendo.

Sabe, no fundo eu sou um sentimental.
 Todos nós herdamos no sangue lusitano uma boa dosagem de lirismo além da sífilis, é claro).
 Mesmo quando as minhas mãos estão ocupadas em torturar,
 esganar, trucidar,
 Meu coração fecha os olhos e sinceramente chora.

Em seguida, a abordagem mais uma vez começa com a natureza brasileira que é o objeto do discurso alistando os símbolos lusitanos ao relacionar alecrins, planta cultivada em Portugal, com o carnaval, ou licor, bebida típica de Portugal com a moringa, recipiente onde era depositada água para beber no Brasil Colônia, a linda mulata, símbolo do Brasil, com rendas do Alentejo típica da Europa o que demonstra a aculturação. E por fim, ainda afirma que esta terra brasileira ainda vai cumprir sua função, tornando-se um imenso Portugal, observamos trecho abaixo:

Com avencas na caatinga,
 Alecrins no canavial,
 Licores na moringa:
 Um vinho tropical.
 E a linda mulata
 Com rendas do alentejo
 De quem numa bravata

Arrebata um beijo...
 Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal:
 Ainda vai tornar-se um imenso Portugal!

No trecho da canção a seguir, observamos mais uma vez o sentimentalismo, a consciência aflorando no colonizador, o sentimento de angústia entre a nostalgia da alma e o aflorar da emoção, a violência necessária para colonizar o Brasil que afetava na época os índios e os negros e podia ser comparado entre a escolha do bem ou mal, do certo errado e do pecado e sagrado, demonstrando o cunho religioso do medo da punição que sofreria pelo escolha errada podendo por consequência dos seus atos, ir para o céu ou inferno. Além disso, esse trecho na atualidade vivida no período que a música foi feita poderia ser comparado com a ditadura militar, que impedia o cidadão de demonstrar seus sentimentos e suas ideias.

Meu coração tem um sereno jeito
 E as minhas mãos o golpe duro e presto,
 De tal maneira que, depois de feito,
 Desencontrado, eu mesmo me contesto.
 Se trago as mãos distantes do meu peito
 É que há distância entre intenção e gesto
 E se o meu coração nas mãos estreito,
 Me assombra a súbita impressão de incesto.
 Quando me encontro no calor da luta
 Ostento a aguda empunhadora à proa,
 Mas meu peito se desabotoa.
 E se a sentença se anuncia bruta
 Mais que depressa a mão cega executa,
 Pois que senão o coração perdoa.

No trecho que finaliza a canção, apresentado a seguir, mas uma vez a natureza e símbolos brasileiros são exalados e relacionados aos lusitanos, demonstrando que com o tempo a terra brasileira vai cumprir seu ideal, ou seja, com a invasão da cultura a terra invadida por Portugal vai se tornar um império do colonizador e por que não será uma replica de Portugal.

Guitarras e sanfonas,
 Jasmins, coqueiros, fontes,
 Sardinhas, mandioca
 Num suave azulejo
 E o rio Amazonas
 Que corre trás-os-montes
 E numa pororoca

Deságua no Tejo...
 Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal:
 Ainda vai tornar-se um império colonial!
 Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal:
 Ainda vai tornar-se um império colonial!

Assim, a canção relata o sentimento do colonizador e a consciência do bem e do mal ao mencionar que suas mãos torturam, mas sua alma chora o que repercute na religiosidade, como também a certeza de que com a mistura de culturas aconteceria a “assimilação” e o Brasil se tornaria uma continuação de Portugal, pela forma opressora com que aconteceu a colonização do Brasil, mas a canção não demonstra a certeza se isso realmente vai acontecer.

A letra da música que será comentada a seguir chama-se: Um índio, escrita e cantada por Caetano Veloso, trata-se de uma poesia que não segue rotulações e que defende a autonomia estilística e política que são traços marcantes desse autor. Como todo baiano vive num ambiente religioso de matriz católica-romana, porém respeita outras religiões, conforme cita em suas canções.

Na primeira estrofe da música apresentada a seguir, a figura do índio evoca conceitos de pureza de quando apenas existia essa raça no Brasil aliado a força e vigor física e em constante contato da natureza numa relação de pertencimento. No trecho: “descerá de uma estrela colorida, brilhante” remete a ideia que ele desceu do céu e trouxe uma mensagem de sabedoria o que se explica no trecho: “Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias” nos faz compreender, que essa sabedoria vinda do plano celestial o tornou mais detentor do conhecimento que a mais avançada tecnologia.

Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante
 De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
 E pousará no coração do hemisfério sul
 Na América, num claro instante
 Depois de exterminada a última nação indígena
 E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
 Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das
 tecnologias.

No refrão da referida música, Caetano faz uma sequência de assonâncias com o som da vogal “i” com o objetivo de chamar atenção quanto aos diversos grupos étnicos, de diferentes regiões do mundo e lembram várias tradições religiosas, como Muhammad Ali (negro campeão da categoria peso pesado, seu nome era Cassius Marcellus Clay Junior e teve seu nome mudado ao ser convertido no islamismo), logo depois menciona O índio Peri (personagem do romance, O Guarani, de José de Alencar, que era apaixonado de forma platônica por Ceci que era uma moça branca e foi salva várias vezes pelo índio), ao citar Bruce Lee remete a cultura milenar chinesa que misteriosa não tem nada haver com as que foram citadas até agora, ou seja, o islamismo e a indígena), por fim abordou o afoxé (nomes dados aos grupos de cultura negra, que também brincam no carnaval e são filhos de Ghandi).

Com isso, notamos que na música foi abordado as religiões e sua influência na cultura brasileira, onde tentou se resgatar as características mais importantes de cada uma delas, segue refrão abaixo:

Virá
 Impávido que nem Muhammad Ali
 Virá que eu vi
 Apaixonadamente como Peri
 Virá que eu vi
 Tranquilo e infalível como Bruce Lee
 Virá que eu vi
 O axé do afoxé Filhos de Gandhi
 Virá

Nesta estrofe, encontramos traços de um índio com a forma física preservada, mas com a alma mudada, porém que trouxe da estrela que representa o céu uma sabedoria que não sabemos muito bem qual é, contudo quando revelada aos povos surpreenderá a todos não pela forma exótica, mas pela sua obviedade.

Um índio preservado em pleno corpo físico
 Em todo sólido, todo gás e todo líquido
 Em átomos, palavras, alma, cor
 Em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico
 Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico
 Do objeto-sim resplandecente descerá o índio

E as coisas que eu sei que ele dirá, fará
Não sei dizer assim de um modo explícito
E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio

Portanto, a música de Caetano Veloso gira em torno da figura do índio, seu mistério e sua forma física que contribui com a vontade de interagir com a natureza, através de seu mistério. Além disso, faz menção a outras religiões para explicar a diversidade cultural existente no Brasil e trata este país como uma espécie de centro místico, enfatizando a importância do índio como ser que veio das estrelas para trazer sabedoria para as terras brasileiras não pelas suas características exóticas, mas pela obviedade.

Através da análise das quatro músicas, com características das poesias apresentadas, procuramos demonstrar a cultura e religiosidade presente na sociedade brasileira, destacamos que em canções da Música Popular Brasileira e suas múltiplas composições dos mais variados estilos com potencial epistemológico diferentes é possível dialogar no campo teológico com leitor.

Desta feita, ao utilizar a música como metodologia de ensino na disciplina de Ensino Religioso, o conhecimento pode ser relacionado a um contexto de prática na educação, onde são abordados fatos e aspectos ligados aos objetivos do currículo da disciplina de ER e sua importância como um condutor do conhecimento.

Assim, ao utilizar as músicas comentadas anteriormente em aulas de Ensino Religioso, o conteúdo que configura o currículo pode ser apresentado de forma criativa e dinâmica ao integrar as atividades teóricas a alternativas, de prazer, de conhecimento, garantindo que o aluno participe e possa também construir seus passos na descoberta dos conhecimentos advindos da dimensão religiosa.

Em se tratando do educando, ao conhecer e apreciar músicas de seu meio sócio-cultural fruto da construção pela humanidade em diferentes períodos

históricos e espaços geográficos, o aluno pode aprender a valorizar essa diversidade sem preconceitos estéticos, étnicos, culturais e de gênero.

A música extrapola as dimensões do tempo-espaço, e realiza uma transição além das fronteiras. As informações que a música traz nos fazem compreender o modo de pensar dos nossos antepassados e, com isso, nos ajuda a entender de onde viemos e onde estamos para, assim, sabermos onde desejamos ir. Segundo propõe:

Qualquer proposta de ensino que considere essa diversidade precisa abrir espaço para o aluno trazer música para a sala de aula, acolhendo-a e oferecendo acesso a obras que possam ser significativas para o seu desenvolvimento pessoal em atividades de apreciação e produção. A diversidade permite ao aluno a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio musical da humanidade, aprimorando sua condição de avaliar a qualidade das próprias produções e as dos outros⁹³.

Esta metodologia de ensino, aplicada ao desenvolvimento de situações que visam assegurar ao educando as informações geradas pela humanidade, pode contribuir com as capacidades imaginativas e criativas de cada indivíduo e de suas articulações com a comunidade, da fruição estética proporcionada pela música, da capacidade de lidar com relações e não com objetos, pois ao ouvirmos uma música, não estamos lidando com uma nota ou som e depois mais outras notas ou sons, ouvimos as relações que existem entre elas.

Finalmente, para a disciplina de Ensino Religioso entendemos que com a inserção da análise das mencionadas músicas na construção do currículo o ensino/aprendizagem se tornará mais prazeroso e significativo, já que trata-se de uma ferramenta para facilitar o entendimento das religiões a partir do contexto histórico e social presentes nesses poemas.

⁹³ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Vol. 6MEC/SEF. Brasília, 1997. p. 75.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca da compreensão da função do Ensino Religioso para sociedade e educação é primordial destacar a importância da Religião como elemento construtivo da sociedade e por auxiliar na interpretação da mesma, seja na antiguidade ou na atualidade, contribuindo para ações e escolhas pessoais e coletivas, por meio da religião a vida passa a ter sentido proporcionando caminhos/rumos para as pessoas ou para o grupo no qual o cidadão esta inserido.

Diante desse contexto, o Ensino Religioso auxilia o educando no reconhecimento das diferentes formas de religião, deixando de ser uma extensão de uma denominação institucional, visando assegurar ao educando os conhecimentos gerados pela humanidade a respeito da religião e suas implicações. Pela necessidade de traçar caminhos democráticos para esta disciplina muitos movimentos foram realizados destacando o Ensino Religioso como direito do cidadão, sem discriminação e assegurando uma educação de qualidade, independente do credo religioso de cada um e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação criada em 1996 esta disciplina passou a ser obrigatória nas escolas de Ensino Fundamental, porém facultativa sua realização para o aluno.

Por sua vez, o currículo vem contribuir como ferramenta pedagógica que auxilia na aprendizagem do educando ao propor o conhecimento a partir das tradições inventadas, ou seja, um conjunto de práticas e ritos que englobam o cotidiano dos alunos através de ações, normas de comportamento, escolhas e valores propostos através da história da sociedade.

Na disciplina de Ensino religioso o currículo é fundamental ao propor momentos de reflexão sobre valores, normas e manifestações religiosas essenciais para a vida em sociedade de forma ativa o que nos leva a considerar a importância de analisar o conceito e função do currículo, como articulador entre teoria e prática na disciplina destacada.

Ao analisar o currículo do Ensino Religioso das escolas públicas notamos que os temas ou conceitos abordados vão além de trabalhar o significado da religiosidade e fenômeno religioso em suas diferentes manifestações, linguagens e paisagens, mas também possui a preocupação de refletir e integrar os conceitos religiosos como um conhecimento fundamental para formação integral do ser humano.

Para que a disciplina de Ensino Religioso cumpra seu papel, vale ressaltar que o educador necessita possuir um conhecimento amplo de todas as religiões, ter princípios éticos ao trabalhar as religiões através da imparcialidade e buscar estratégias de ensino, que ao mesmo tempo o conhecimento seja efetivado por meio das escolhas dos alunos e informações prévias sejam respeitados em prol do pluralismo e a diversidade religiosa:

Destacando que através dos nossos estudos encontramos um ponto negativo ao perceber que a seleção de eixos, competências, habilidades e conteúdos do Currículo da Escola Pública são as mesmas para todas as séries, ou seja, o mesmo que será exposto para um aluno da 5ª Série ele analisará novamente na 6ª, 7ª e 8ª Séries do Ensino Fundamental o que tende a tornar a disciplina cansativa e conseqüentemente ocasionar a desmotivação do educando, já que pra esse público o desenvolvimento desta disciplina é optativa.

Atendendo ao questionamento desta pesquisa que visa construir uma identidade curricular para a disciplina de Ensino Religioso por meio da etnomatemática e no patrimônio ético cultural brasileiro, temos a afirmar que por mais que o currículo das escolas públicas já tenha sido elaborado, conforme foi analisado nesta investigação, deve se considerar em sua execução o processo histórico vivido pelo Brasil, desde sua colonização de modo a encontrar instrumentos que tornem essa disciplina mais atrativa ao relacioná-la a realidade do educando.

E como instrumento facilitador do ensino/aprendizagem no Ensino Religioso podemos citar: a Etnomatemática, que contribui para o desenvolvimento dos sujeitos em seus contextos culturais partindo da apreensão da cultura, onde o indivíduo é aprendiz e vivencia as situações conseguindo identificar na ética a aprendizagem a ser modelada por meio da matemática na sala de aula, já que

ao procurar o sentido da vida humana entendemos que a mesma se organiza através dos ritos, procedimentos do reconhecimento de valores e símbolos nas relações do grupo e que são transmitidos de geração em geração.

Ao observar os conteúdos do Currículo do Ensino Religioso, onde temos vários eixos, entre eles: Tradição, Cultura e Ritos, concluímos que os ritos exprimem o ritmo da vida social, então os conteúdos do currículo estão sim diretamente relacionados com a etnomatemática, que encontra na cultura uma explicação e traz a matemática nos símbolos, fruto das características de cada religião, nos rituais ou gestos sagrados que possuem traços da geometria ou dos números (contagem), nas danças que repercutem em passos ou rituais que trazem a contagem como forma de organização e ritmo, como também nos espaços sagrados que possuem uma arquitetura transcendental, marcada por formas e desenhos geométricos.

Considerando que as religiões fazem parte da cultura humana também pelos fenômenos religiosos que são vivenciados pelos membros de cada cultura ou religião, o que nos remete ao fato de que o Brasil é formado por inúmeras religiões, fruto da diversidade cultural, que precisam ser apreciadas e respeitadas dentro das suas diferenças, observamos outro recurso que tende a veicular o currículo a realidade do educando: a música.

A música pode ser entendida como sendo uma linguagem artística, organizada e fundamentada e uma prática social, pois nela estão implantados valores e significados atribuídos aos indivíduos e a sociedade que a constrói e dela se ocupam, através de suas características e letras demonstram a história, cultura e religiosidade presente na sociedade brasileira, destacamos para esse fim principalmente as canções que representam a Música Popular Brasileira que dos mais variados estilos comprovam as etapas históricas vividas na sociedade brasileira, facilitando a compreensão do educando no que tange sua cultura e religiosidade.

Ao empregar a música como metodologia de ensino na disciplina de Ensino Religioso, fatos e aspectos ligados aos conteúdos do currículo podem facilmente ser discutidos, promovendo as capacidades imaginativas e criativas de cada educando, o que tende a contribuir com as articulações entre os conceitos analisados e suas relações com a vida além dos muros da escola.

Neste sentido, notamos que a disciplina de Ensino Religioso a longo da história educacional veio conquistando seu lugar baseado em sua função de aguçar no educando o desejo pelo saber, ao demonstrar, por meio da história e sociedade, o caminho para outra dimensão humana regada pela fé e valorizando o pluralismo e a diversidade cultural. Com isso o currículo do ER das escolas públicas foi elaborado, porém para que o mesmo tenha identidade, fatores como a ética e cultura brasileira devem ser considerados alinhados a etnoamtemática e a música popular brasileira como metodologia de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael. A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? In: MOREIRA, Antônio Flávio B. e SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

_____. Ideologia e Currículo. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. Religião e modernidade em Habermas. São Paulo: Loyola, 1996 (Coleção Filosofia; 37)

ARROYO, Miguel G. As relações sociais na escola e a formação do trabalhador. In: Trabalho, formação e currículo: para onde vai à escola? São Paulo: Xamã, 1999.

ASSIS, A. C. et al: Música e História: desafios da prática interdisciplinar. In: Budasz, R. (org). Pesquisa em música no Brasil : métodos, domínios, perspectivas. Goiânia: ANPPOM, 2009.

Parâmetros Curriculares Nacionais –Ensino religioso/Fórum Nacional Permanente do Ensino religioso-São Paulo: Mundo Mírim, 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - (PCNs). Ética. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília. (Secretaria do Ensino Fundamental) - SEF, Agosto 1996.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Vol. 6 MEC/SEF. Brasília, 1997.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino religioso/Fórum Nacional Permanente do Ensino religioso-São Paulo: Mundo Mírim, 2009.

_____. Secretaria de Educação do Espírito Santo. CURRÍCULO BÁSICO ESCOLA ESTADUAL. Ensino Fundamental: anos finais. Vitória: SEDU, 2009

_____. Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Espírito Santo. Proposta Curricular para o Ensino Fundamental: Ensino Religioso. Vitória –ES: SEDU, 1990.

_____. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Serviço Gráfico. 1988

_____. Constituição Política do Império do Brasil. (24 de março de 1924) Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

_____. CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL (DE 18 DE SETEMBRO DE 1946. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao46.htm. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

_____. Decreto nº 19.941, de 30 de Abril de 1931. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19941-30-abril-1931-518529-norma-pe.html>. Acesso: 10 de dezembro de 2013.

_____. LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm. Acesso em: 14 de dezembro de 2013

_____. [LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm) Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 20 de dezembro de 2013.

_____. Lei nº 9.394/96, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário Oficial da União seção I..

_____. [LEI Nº 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997.](#) estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 22 de julho de 1997. Brasília: Diário Oficial da União.

BOAVENTURA, E. M. Metodologia da pesquisa. São Paulo: Atlas, 2004.

CATÃO, Francisco A. C. A Educação no Mundo Pluralista: por uma Educação de Liberdade. São Paulo: Paulinas, 1993

COSTA, Marisa Vorraber org. O currículo nos limiars do contemporâneo. 3ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

D'AMBROSIO, Ubiratran. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2002. (Coleção Tendências em Educação Matemática).

_____. Educação Matemática. Da teoria à prática. 2a ed. Campinas : Papyrus, 1997.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6º ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. O que faz do brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DIAS, Agemir de Carvalho. Sociologia da religião: introdução às teorias sociológicas sobre o fenômeno religioso - São Paulo: Paulinas, 2012. - (Coleção temas do ensino religioso).

FONAPER. Ensino Religioso. Referencial Curricular para a Proposta Pedagógica da Escola. 2000. Caderno Temático Número 1.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? Tradução de Rosisca Darcy de oliveira. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1983.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 21. ed. São Paulo: Paz e terra, 2002.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, RJ: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GOODSON, Ivor F. Currículo: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Ciências sociais da educação)

GRUEN, Wolfgang. Ensino Religioso na Escola. 2ª Edição; Petrópolis, Vozes, 1995.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, nº 2, jul./dez. 1997.

_____. Notes on deconstructing "the popular". In: SAMUEL, R. (Ed.). *People's history and socialist theory*. London: Routledge, 1981, p.227-240.

HANZE, Amélia. Etnomatemática , abordagem histórico-cultural da matemática. 2014. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/etnomatematica.htm>. Acesso em: 17 de jun. 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de, Raízes do Brasil. 15ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

JUNQUEIRA E WAGNER, Sérgio Rogério e Raul. O Ensino religioso no Brasil. Curitiba: Champagnat. 2004. Coleção Educação: Religião, 5)

JUNQUEIRA E OLIVEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; Lilian Blank de (Orgs). O ensino religioso: memórias e perspectiva. Curitiba: Champagnat. 2005.

JUNQUEIRA, CORRÊA E HOLANDA. Sérgio Rogério Azevedo; Rosa Lydia Teixeira; Ângela Maria Ribeiro. Ensino Religioso: aspectos legal e curricular. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007 Coleção temas do ensino religioso)

LOPES E MACEDO, Alice Cassimiro e Elizabeth. Políticas de currículos em múltiplos conceitos. São Paulo: Cortez, 2006. (Série cultura, memória e currículo; v.7)

LOPES E MACEDO, Alice Casimiro e Elizabeth (organizadoras). Currículo: debates contemporâneos. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Série cultura, memória e currículo; v.7)

NETTL, Bruno. The study of ethnomusicology: twenty-nine issues and concepts. Urbana, Chicago, London: University of Illinois Press, 1983.

PASSOS, João Décio. Como a religião se organiza: tipos e processos. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Temas do Ensino Religioso).

PASSOS, João Décio. Ensino Religioso- Construção de uma proposta. São Paulo: Paulinas. 2007. (Coleção temas do ensino religioso).

PENNICK, Nigel. GEOMETRIA SAGRADA SIMBOLISMO E INTENÇÃO NAS ESTRUTURAS RELIGIOSAS. São Paulo, 1980. Disponível em: http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/Biblioteca/2028_Geometria%20Sagrada%20-%20Nigel%20Pennick.pdf. Acesso em: 16 de jun. de 2014.

PERRENOUD, P. “Cultura, scolaire, culture elitaire?” Coordinationn^o 37, maio de 1990.

PINHEIRO, Paulo César, História das minhas canções. São Paulo: Leya, 2010.

RIBEIRO, Darcy. O Processo Civilizatório. Etapas da evolução sócio-cultural. 6ªed. Petrópolis: Vozes. 1981.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhias das Letras. 1995.

RODRIGUES, Edile F. Fundamentando Pedagogicamente o Ensino Religioso. Curitiba: Ibpex, 2009.

SACRISTAN, J. Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3.ed. Porto Alegre: ArtMed. 2000. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/43900300/O-curriculo-Uma-reflexao-sobre-a-pratica>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Territórios contestados. Petrópolis: Vozes, 2005.

TRALDI, Lady Lina. Currículo. São Paulo: Atlas, 1984.